

0

Da Mihi Animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma

01

ANO LXIII
trimestral

As raízes da Misericórdia

Poste Italiane SpA - Spediziona in Abbonamento Postale - DL 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1, comma 2 - DCB Roma

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma
www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyleinstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Canglì,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** é realizada sobre carta
ecológica certificada FSC, constituída de
pura celulose e.c.f. e por um elevado
conteúdo de fibras de recuperação (pelo
menos 25%).

na capa
foto arquivo das FMA

Associativa USPI
Unione Stampa
periodica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

A Paz é a vida 04

Gestos de paz

Mobilidade humana

Eu era forasteiro
e me acolhestes



Cultura ecológica 08

Os pobres e a fragilidade
do Planeta

Fio de Ariadne 11

Olhares e olhares

Dossiê 13

As raízes
da misericórdia

O caminho de Damasco 19

Ter compaixão

Laboratório Imagem



41

HORIZONTE FAMÍLIA

FAMÍLIAS: MUTAÇÕES
A SEREM GERIDAS



A SUA IMAGEM 25

GENDER

FOCUS 28

UM ENCORAJAMENTO
À CONVERSÃO ECO



VOZ DOS JOVENS 30

JOVENS, ESTUDO
E TRABALHO

Habitar a cidade

Percorrer estradas 32

E- comunicar

Questão de imagem 34
Questão de palavras

Cinema 36

A família Belier

Literatura 38

Eu sei que fora
é primavera

Música 40

O perdão
na música

Laboratório imagem 41

Entre técnica fotográfica
e tecnologia

Camilla 44

Dar de comer
a quem tem fome....

Dossiê

13



O coração da misericórdia

A Revista DMA abre o ano de 2016 com um rosto novo que exprime a densidade do tema que fará de fio condutor, nos diversos dossiês: a “Misericórdia”, assim subdividida: as **raízes** da misericórdia, o **rosto** da misericórdia, a misericórdia em **obras**, os **dias** da misericórdia.

O Ano da Misericórdia convida-nos a percorrer o caminho de deixar-nos abraçar pela misericórdia trinitária, que é uma forte experiência de amor. Este amor misericordioso é a chave que nos abre a novas leituras da vida, a ressignificar o nosso olhar, a proteger a vida de todos, próximos ou distantes, a anunciar a misericórdia de Deus. Como FMA, como Família salesiana, junto com os jovens, podemos transformar o tecido social, caminhando na esteira da misericórdia. O Papa Francisco fundamenta o seu magistério na misericórdia e nos convida a nos deixar guiar pelo amor misericordioso do Pai.

O DMA quer reforçar a sua intencionalidade de ser espaço de partilha e de formação para todas as comunidades, as animadoras de comunidades os leigos e os jovens animadores; tecer um diálogo que leve à reflexão e ao aprofundamento dos desafios e expectativas das comunidades educativas no contexto atual.

Algumas rubricas foram revisitadas e nasceram novas. *Horizonte família* aprofunda o tema da família no contexto contemporâneo. *Voz dos jovens* quer tecer um diálogo com as culturas juvenis, abrindo uma conversa com eles. *Focus* é confiada à Madre e ao Conselho Geral e falará dos temas emersos do CGXXIII em diálogo com as interpelações da realidade social, eclesial e da vida consagrada. *Mobilidade humana* quer entrar no universo dos migrantes para colher os desafios que mais nos interpelam. *A sua imagem* tenciona apresentar o tema do Gênero. *Habitar a cidade* quer ressignificar o espaço cotidiano da vida,

narrando experiências e observando-as nas suas mudanças que questionam a vida das nossas comunidades. *Laboratório de imagens* nos faz entrar no universo das imagens ajudando-nos a redescobrir nelas a ‘beleza’, e a produzir ‘sentido’ naquilo que se vive e se propõe.

Junto com as rubricas, a equipe redacional quis dar ao DMA *um novo formato gráfico e uma elaboração de conteúdo mais dinâmica e especializada*, para expressar a riqueza e atualidade dos temas relativos à vida consagrada, aos desafios da missão educativa, pastoral, social à medida do Evangelho e das interpelações da antropologia cristã. Colheu também a urgência de criar uma *Revista digital* para favorecer uma maior interação com as/os leitoras/ores e oferecer a possibilidade de estar mais em sintonia com a atualidade. A periodicidade passa de bimestral a trimestral.

Gostaríamos que o DMA pudesse tocar o coração da realidade de vida de cada um/a e fazer emergir a delicadeza de Deus para conosco. A misericórdia do Pai se manifesta numa comunidade trinitária, “casa-comunidade” que é o convite a ressignificar a herança espiritual de Dom Bosco e Madre Mazzarello, que nos empenha a viver numa dinâmica pascal dos “dias” às “obras” de misericórdia.

A Porta Santa da Misericórdia que se abre já é o abraço misericordioso do Pai que nos acolhe a todos em sua morada. Atravessar esta porta é entrar num processo de mudanças de vida, empreender os caminhos da justiça, da verdade, de uma transparente e genuína solidariedade para com os mais sofridos. Nós podemos, juntos, endossar as “vestes” dos missionários da misericórdia: “Vinde e vede”.

Que o ano de 2016 nos leve a viver o serviço misericordioso do Evangelho, na essencialidade do humanismo cristão, com a beleza carismática salesiana.

Maria Helena Moreira

mnmoreira@cgfma.org

Gestos de Paz

Maria Grazia Caputo

droits.humains@salesienne.ch

Falar de paz hoje parece anacronismo... Paz? De todas as partes sopram ventos de guerra que lembram quantas vezes o Papa Francisco tem acenado sobre o fato de que estamos vivendo uma terceira guerra mundial.

Podemos falar de paz?

As eleições na Turquia, em Myanmar, Burundi, Costa do Marfim, as alianças e coalisões que se movimentam no tabuleiro de xadrez da Síria e do Iraque, os governos locais (reconhecidos ou não) que se enfrentam na Líbia, os atos de terrorismo no Oriente Médio e em alguns Países africanos, criaram um clima de precariedade e de insegurança. Parece ser óbvio que na Europa se constroem muros para impedir a entrada dos que vêm buscar refúgio assim como não surpreende que em muitos países, haja um afastamento sempre maior da moratória sobre a pena de morte. O conhecimento da fome no mundo foi substituída pela preocupação com as mudanças climáticas e a comoção pela sorte dos que procuram condições de vida para sobreviver deixa lugar à preocupação de precisar mudar estilos de vida para conviver com quem é diferente. As situações de sofrimento multiplicam-se em toda parte: o conhecê-las, saber dar um nome às violações dos direitos humanos que tocam em particular os meninos, as meninas, os jovens, as mulheres, faz com que nos sintamos pequenos e incapazes de encontrar soluções. Em particular a situação dos menores não acompanhados (por vários motivos) que precisaram deixar para trás um passado feito de família, casa, escola, companheiros, e que não sabem entrever um futuro porque incapazes de construí-lo, faz com que sintamos ainda maior o drama que estamos vivendo.

Quando a pessoa se encontra em meio a um conflito que destruiu o seu país e que marcou a sua vida, é normal que sentimentos como confusão, medo, tristeza e raiva prevaleçam. Fica cercada por opiniões e ideologias a respeito do que é melhor para ela e seu país e muitas vezes fica-lhe difícil pensar com clareza. As pessoas deixam-se

levar por estas ideias, as crianças já nascem predispostas a odiar aquela ideologia, aquela raça, aquelas pessoas, tornando-se parte do círculo vicioso onde não há espaço para a paz. Por esta razão é extremamente importante educar e educar-nos para conhecer o que está acontecendo.

IIMA Human Rights Office - Genebra

A missão do Escritório dos Direitos Humanos é favorecer, estabelecer e construir vínculos entre o Instituto das FMA e os organismos das Nações Unidas que se ocupam da defesa e promoção dos direitos humanos, a fim de influenciar as políticas internacionais voltadas à promoção e à garantia do Direito à Educação para todos. O Escritório organiza cursos de formação para FMA e leigos, dá visibilidade internacional às atividades do Instituto e promove redes de colaboração (<http://dirittiumanifma.blogspot.com/>).

O que dizem as Nações Unidas de tudo o que está acontecendo nos Países em que aconteceram atos de terrorismo ou, o que está sendo feito para impedir os matrimônios precoces das meninas e a venda de seres humanos...? Não existem respostas pontuais, não se veem sempre com clareza as estratégias operacionais que possam fazer prever resultados seguros. É difícil responder porque os representantes dos Países interessados estão todos lá, nas Nações Unidas, no Conselho dos Direitos Humanos e, se são observados quando se cumprimentam ou conversam nos momentos de pausa, nada faz supor que os seus Países estejam um contra o outro.

Nota-se uma mudança na terminologia usada: não se diz mais 'guerra', mas se utiliza a expressão 'conflito armado'. As intervenções que são feitas durante a assembleia dos Conselhos evitam uma

linguagem agressiva e procuram expor objetivamente as razões de uma divergência.

A mudança de termos pode ser também um sinal de esperança e de vontade de que as situações possam mudar.

É sempre mais forte o desejo de não parar para escutar os tambores de guerra, mas de procurar gestos concretos de paz que ajudem no processo de reconciliação. Por isso olha-se em torno, fica-se atento para perceber até mesmo os mínimos sinais de que esta 'vontade de paz' esteja presente. Por isso olha-se com esperança para alguns tímidos sinais como a retomada das relações entre os Estados Unidos e Cuba, o encontro dos três: a China, a Coreia do Sul e o Japão, a reabertura da fronteira entre o Nepal e a Índia, o encontro (após 66 anos) entre dois Presidentes: o da China e o de Taiwan, as relações interreligiosas que ajudam a entender o quanto a paz é desejada e necessária.

Fica sempre o medo de que se trate de algo provisório: em 2011, no Sudão havia-se chegado a um acordo que punha fim a uma guerra civil com a divisão do País em duas zonas: a do Norte e a do Sul. Os acontecimentos sucessivos demonstraram que o clima de tensão não mudara e que a situação de pobreza continua a ceifar vítimas.

Durante as sessões do Conselho dos Direitos Humanos, afeta como todos sublinham a importância dos direitos humanos, que os 193 países que formam as Nações Unidas tenham chegado a um acordo de objetivos comuns (*Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*) em favor dos mais fracos, dos marginalizados, dos menos considerados. É reconhecido por todos que deve haver solidariedade para ir ao encontro de quem sozinho não sobrevive. Significativo é, sem dúvida, o fato de que o *direito à educação* é mencionado como importante quanto à sua qualidade e à não discriminação (*Garantir uma instrução de qualidade inclusiva e igualitária e promover oportunidades de aprendizagem contínua para todos n.4*).

A guerra tem muitos rostos, a paz tem o rosto dos direitos humanos

Gestos concretos de paz

Feliz de quem trabalha pela paz e é sinal de paz, lembra o Evangelho. Hoje podemos

também acrescentar 'feliz de quem espera e acredita firmemente que a paz é possível'.

Nós bem sabemos que a paz não pode ser alcançada apenas baixando armas. A paz que se escolhe é um modo de pensar, uma atitude de viver ativamente. Para alcançar a paz é preciso entender o que é e como se obtém, é preciso estar conscientes de que todos fazemos parte da mesma família humana e que a misericórdia de Deus, como diz o Papa Francisco, quer alcançar cada um.

Penso na presença das FMA, da Família salesiana em zonas difíceis como por exemplo o Sudão, a Síria, o Líbano, a Tunísia... Penso na importância das obras que lá se desenvolvem e como por meio da educação prepara-se nos corações e nas mentes das crianças, dos jovens e das pessoas um terreno onde a paz e a esperança encontram espaço. Penso nos gestos concretos de paz realizados por tantas pessoas de boa vontade, pelos voluntários Vides que, por meio de projetos, sustentam a ação do Instituto tornando confiável o 'fazer-se próximo'.

No Sudão Sul o VIDES Internacional está desenvolvendo 3 projetos: *Liberacy program* para jovens e mulheres que nunca frequentaram a escola, no centro de promoção da mulher "Bakita Center" a Tonj; *Agriculture program for women empowerment*, nel Bakita Center di Tonj e agora também em Gumbo; *Medical dispensary*, em Wau.

Existe uma iniciativa na Internet (www.onethousandactsofpeace.org/italiano.html) que sugere fazer pelo menos *três gestos de paz por dia e anotá-los*, para reforçar a intenção: são gestos simples que vão desde dizer "obrigado" a quem nos fez um favor, até fazer-se próximos de quem se sente só, a não responder no mesmo tom diante de um gesto descortês, a saber pedir desculpa... "*Não temos como prever até onde os mil gestos de paz nos levarão, mas acreditamos que a paz se difundirá no mundo somente graças aos esforços pessoais, de cada um, dia por dia. O que torna mais poderosa a nossa prática dos gestos de paz é a liberdade de não ter de esperar até que os outros – os responsáveis em nível local e global, os políticos, os governantes – criem condições de paz no nosso mundo*".

Eu era forasteiro e me acolhestes

Debbie Ponsaran

debbieponsaran@cgfma.org

Hoje o número de refugiados é maior do que o da Segunda Guerra Mundial. Mais da metade dos refugiados em todo o mundo provêm de apenas três Países: Síria, Afeganistão e Somália. A maior parte deles está sendo acolhida por alguns dos Países mais pobres do mundo. Na Europa, a preocupação principal é a crise inédita dos refugiados.

Um mundo em movimento

«O meu nome é Aliyah. Tenho 14 anos. Nasci na Síria, onde vivia com minha família e frequentava a escola. No início a escola foi ficando cheia de refugiados. Depois, não havia água, nem eletricidade e a cidade era bombardeada todos os dias. Fomos obrigados a deixar nossa casa. Eu, os meus pais, meus irmãos e minhas irmãs fugimos para a Bósnia. A vida na Bósnia também é difícil, porque não conhecemos a língua, mas pelo menos aqui não há guerra» (<http://stories.unhcr.org>).

A migração faz parte da história do homem desde suas origens. O movimento de pessoas que atravessam as fronteiras continua a redesenhar as esferas políticas, culturais, econômicas e sociais das Nações. A razão é sempre a busca de uma vida melhor e enquanto esta necessidade existir, a migração vai continuar.

L'International Organization for Migration (IOM) declarou, em 2014, que uma pessoa sobre sete é migrante; 232 milhões são migrantes internacionais e 740 milhões são migrantes internos. Os Países com o maior número de migrantes internacionais são os Estados Unidos, a Rússia, a Alemanha, a Arábia Saudita, os Emirados Árabes, o Reino Unido, a França, o Canadá, a Austrália e a Espanha. Os primeiros dez Países de origem dos migrantes internacionais são a Índia, o México, a Rússia, a China, o Bangladesh, o Paquistão, a Ucrânia, as Filipinas, o Afeganistão e o Reino Unido.

O número de fugitivos por perseguições, conflitos ou violações dos direitos humanos, é o mais alto desde a Segunda Guerra Mundial. A *United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR)* declarou que o número de refugiados foi estimado em 59,5 milhões, no final de 2014. Mais da metade de todos os refugiados em

todo o mundo são provenientes apenas de três Países: Síria, Afeganistão e Somália. As crianças menores de 18 anos constituem a metade da população dos refugiados. Alguns dos Países mais pobres do mundo acolhem a maior parte dos refugiados. Os primeiros Países que acolhem os refugiados são a Turquia (1,6 milhões), o Paquistão (1,5 milhões), o Líbano (1,15 milhões), o Irã (982.000), a Etiópia (659.500) e a Jordânia (654.100). Relativamente ao número de pessoas acolhidas, o Líbano e a Jordânia acolhem o maior número de refugiados enquanto relativamente às suas economias, a Etiópia e o Paquistão têm maior peso.

As formas predominantes da migração são múltiplas. Na Ásia muitos são migrantes por contrato de trabalho temporário. Na América e na África, a imigração irregular é um fenômeno comum. Países altamente desenvolvidos, como a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia e os Estados Unidos, continuam a aceitar os imigrantes para assentamento permanente e cidadania, enquanto os Países do Oriente Médio, em geral, admitem migrantes internacionais por períodos limitados. Na Europa a preocupação principal é a 'crise inédita' dos refugiados.

A longa estrada rumo à nova casa

O afluxo dos refugiados na Europa tem aumentado dramaticamente em quantidade inédita desde a Segunda guerra mundial. Fatores complexos desencadearam a crise dos refugiados, assim como o colapso do Estado autoritário no Oriente Médio e no Norte da África, que causou guerras civis e a incapacidade do Conselho de Segurança das Nações Unidas de encontrar uma solução para a crise na Síria.

O IOM registrou que os refugiados que chegaram por mar em 2015 alcançaram

cerca de 1.003.000 na Grécia e na Itália. Os primeiros cinco Países de origem dos refugiados são: Síria, Afeganistão, Iraque, Eritreia e Nigéria. As mortes dos imigrantes que atravessam o mar Mediterrâneo, agora chamado 'a fronteira mais letal do mundo', são estimadas em 3.800.

Muitos dos refugiados contactaram os traficantes por meio da mídia Social. Os traficantes pedem cifras exorbitantes, e alguns deles roubam e violentam os seus clientes. A viagem extenuante para a Europa requer semanas ou até mesmo meses de viagem por mar, a pé e com trens e ônibus.

Segundo o Eurostat os primeiros Países que concederam asilo em 2014 foram: Alemanha, Suécia, França, Itália, Suíça, e Reino Unido. Atualmente a grande maioria aposta na Alemanha, que está oferecendo condições melhores para a hospitalidade.

Enquanto os líderes políticos europeus discutem sobre como gerir os recém chegados, um grande número de sociedades civis e organizações religiosas, em todo o continente, estão trabalhando para fornecer alimento, roupas e assistência médica aos refugiados.

O rosto humano por trás das estatísticas

"Cada paróquia acolha uma família de refugiados". É o apelo concreto que o Papa Francisco fez no Angelus, há menos de três meses do início do Jubileu da misericórdia, aberto em 8 de dezembro de 2015. Bergoglio faz intervenção no debate que está acontecendo no Velho continente sobre a acolhida dos migrantes, após ter denunciado que suas mortes "são crimes que ofendem toda a família humana".

Bergoglio convidou "as comunidades religiosas, os mosteiros, os santuários de toda a Europa e as dioceses, a partir da diocese de Roma" a darem ao migrantes "uma esperança concreta" e a não criarem "tantas ilhas inacessíveis e inóspitas".

Em 2006 as Filhas de Maria Auxiliadora em Cammarata, na Inspeção siciliana *Madre Morano* (ISI) assumiram uma nova missão: acolher os menores imigrados/refugiados não acompanhados, de origem africana. A primeira acolhida aconteceu em 28 de outubro de 2006 e desde então passaram por lá quase 700 jovens.

Ir. Nella Cutrali, FMA e responsável pela obra, relata: «A casa família é dirigida por duas FMA juntamente com um grupo de leigos. Ir. Josefina colabora na assistência e dirige uma alfaiataria com os jovens; entre os oito leigos, quase todos ex-alunos e cooperadores salesianos, há um assistente social, quatro educadores, um atendente e dois psicólogos. Na qualidade de responsável, eu cuido das relações com a Inspeção e procuro envolver os jovens e a equipe.

A amorevolezza é o ponto cardeal da nossa obra. Os jovens logo percebem, desde a sua chegada, que para além das dificuldades linguísticas, fala-se uma língua universal, a do coração, e basta um olhar para fazê-los compreender que são bem-vindos e que a comunidade os acolhe com afeto. Procuramos, em seguida, criar com eles um diálogo mais profundo, mas não é simples. A vida cotidiana com eles é realmente vida de família, muitos são os momentos partilhados juntos, e podem sempre confiar em nós».

Acolhido numa nova terra

«Sou do Mali e tenho 23 anos. Certo dia alcancei meu irmão que já trabalhava na Líbia, atravessei o deserto e viajei a pé durante a noite. Parti com outros 25 companheiros. Cheguei à Líbia e depois de pouco tempo estourou a guerra. Eu quis voltar ao meu País, mas, infelizmente os Líbios haviam bloqueado todas as estradas. A única solução seria sair de barco; não queria vir para a Itália mas fui obrigado devido à guerra. Nós éramos 300 pessoas na embarcação, e viajamos por 4 dias; paguei mil dólares. Infelizmente perdemos a rota e atracamos em Licata. Lá a polícia ajudou-nos a desembarcar. Fiquei dois meses numa tendópolis antes de chegar a Cammarata. Lembro-me como fui bem acolhido aqui e acompanhado como um filho, mesmo quando não me comportava bem. Nunca tive problemas para manifestar a minha religião, que foi sempre muito respeitada. Anualmente, durante o Ramadã, as Irmãs e os educadores demonstravam o maior respeito por este tempo. Hoje tenho o meu trabalho, sinto-me respeitado pelo povo desta cidade, e não discriminado por ser negro. Construí minha família e minha mulher é italiana. Temos um filho e, mesmo sendo muçulmano, quis que fosse batizado. Para o batismo foram convidadas as Irmãs que são a minha família na Itália».

“A misericórdia de Deus é reconhecida por meio das nossas obras” (Beata Madre Teresa de Calcutá)."

Os pobres e a fragilidade do planeta

Julia Arciniegas - Martha Séide

j.arciniegas@cgfma.org - mseide@yahoo.com

Na situação dramática da degradação ambiental e suas consequências na vida dos mais pobres, Papa Francisco lança um apelo urgente para proteger e cuidar da casa comum e para renovar o diálogo sobre o modo com o qual estamos construindo o futuro do Planeta.

Unidos num só grito

Um dos temas que atravessa toda a Encíclica *Laudato si* é “a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta” (n.16). Um planeta empobrecido que projeta as suas feridas sobre as populações mais necessitadas. De fato, «tanto a experiência comum da vida ordinária quanto a pesquisa científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais são sofridos pelos mais pobres» (n. 48).

No cap. I da Encíclica, o Papa Francisco coloca-nos diante de questões inegáveis, che provocam os gemidos da irmã terra e se unem aos gemidos dos abandonados do mundo (cfr. n. 53).

A poluição generalizada

Existem formas de poluição, como aquelas produzidas pelos lixos, que afetam cotidianamente as pessoas, em particular as mais pobres, e provocam milhões de mortes prematuras. Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos, como as coisas que se convertem rapidamente em lixo (cfr. nn. 20-22).

As mudanças climáticas recaem sobre muitos pobres que vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento. Eles não têm disponibilidades econômicas para se adaptarem aos impactos climáticos ou para enfrentarem situações catastróficas, e se veem obrigados a migrar, com grande incerteza quanto ao futuro de suas vidas e de seus filhos, carregando o peso da própria existência abandonada sem qualquer tutela normativa (cfr. n. 25).

A contaminação da água

Um problema particularmente sério é a qualidade da água disponível aos pobres, que provoca muitas mortes a cada dia. Entre

os pobres são frequentes as doenças ligadas à água, inclusive aquelas causadas pelos microorganismos e pelas substâncias químicas. A disenteria e a cólera devido a instalações sanitárias e reservas de água inadequadas, são um fator significativo de sofrimento e de mortalidade infantil. Os lençóis de água, em muitos lugares, estão ameaçados pela poluição que produz algumas atividades de mineração, agrícolas e industriais, sobretudo em Países onde faltam uma regulamentação e controles suficientes (n. 29).

O esgotamento das reservas haliêuticas

O esgotamento das reservas haliêuticas penaliza especialmente aqueles que vivem da pesca artesanal e não têm como substituí-la; similarmente, o aumento do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras empobrecidas que não têm para onde transferir-se (cfr. n.48).

A pobreza de água pública acontece especialmente na África, onde grandes setores da população não têm acesso à água potável segura, ou sofrem secas que tornam difícil a produção de alimentos e provocam a morte de muitas crianças (n.28). Enquanto isso, em muitas regiões do Planeta, desperdiça-se aproximadamente um terço dos alimentos que se produzem.

«A comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre» (n.50).

O Evangelho da Criação

O Papa Francisco no cap. II da Encíclica, diz que a crise ecológica atual não pode encontrar solução a partir de um único modo de interpretar e transformar a realidade. Se quisermos construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que destruímos, nenhum ramo da ciência e nenhuma forma de sabedoria pode ser negligenciada, nem

mesmo a religiosa. E é por isso que a *Laudato si* quer mostrar como as convicções da fé oferecem aos cristãos – e, em parte, também a outros crentes – motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais fragilizados (cfr. n.63-64).

Os relatos da criação, no livro do Gênesis, sugerem que a existência humana baseia-se em três relações fundamentais intimamente ligadas: a relação com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se, não apenas exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado, que hoje se manifesta com toda a sua força de destruição nas guerras, nas diversas formas de violência e maus tratos, no abandono dos mais frágeis, nas agressões contra a natureza (cfr. n.66).

Uma leitura correta dos textos bíblicos, ao invés, leva a afirmar que Deus confia ao homem uma dúplici tarefa: cultivar e custodiar o jardim do mundo, sem qualquer pretensão de propriedade absoluta. Enquanto «cultivar» significa lavrar ou trabalhar um terreno, «custodiar» quer dizer proteger, cuidar, preservar, conservar, vigiar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza (cfr. n.67).

Hoje, crentes e não crentes estão de acordo sobre o fato de que a terra é essencialmente uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes isto se torna uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos. Por conseguinte toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que leve em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos (n. 93).

Nas raízes da situação atual

É importante ressaltar que o ambiente humano e o ambiente natural danificam-se juntos, e não poderemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas atinentes à decadência humana e social. De fato, a deterioração do ambiente e da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta.

O Papa Francisco, embora reconhecendo todas as vantagens da tecnologia, sublinha que as lógicas de domínio tecnocrático levam a destruir a natureza e a explorar as pessoas

e as populações mais frágeis (cfr. n.109). Diagnostica-se, na raiz, um excesso de antropocentrismo do qual deriva uma lógica que justifica todo tipo de descarte, ambiental ou humano, que reduz as pessoas e a natureza a simples objeto a ser explorado em vista de interesses econômicos e de mercado (cf. nn. 115-116).

Por isso hoje não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres (n.49).

Como agir?

Para enfrentar estes problemas, o Papa propõe grandes percursos de diálogo para ajudar a sair da espiral de autodestruição em que estamos afundando (cf. n. 163-201). Trata-se do diálogo sobre o ambiente em nível de política internacional, para tomar consciência da realidade e assumir a responsabilidade de cuidar da casa comum. Dialogar com as novas políticas nacionais e locais é uma oportunidade para encorajar as boas práticas, para estimular a criatividade que busca novos caminhos, para facilitar iniciativas pessoais e coletivas. O Pontífice convida a um diálogo transparente, para que as necessidades particulares não lesem o bem comum. Somente assim em diálogo a política e a economia podem colocar-se ao serviço da vida, especialmente da vida humana. Neste contexto, as religiões, em diálogo com as ciências, são chamadas a desempenhar um papel importantíssimo para recuperar a sacralidade da criação e da vida. O Papa sublinha mais vezes a urgência da ação, porque os pobres não podem esperar mais.

“A gravidade da crise ecológica exige, de todos nós, pensar no bem comum e ir adiante no caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando sempre que a realidade é superior à ideia” (n. 201).

Educar ao diálogo

A consciência da gravidade da crise ecológica deve traduzir-se em novos estilos de vida, novos hábitos e novos comportamentos. Trata-se de “um desafio educativo”.

Para tornar operacionais grandes percursos traçados, é preciso que as novas gerações aprendam no cotidiano a arte do diálogo aberto e transparente. É um processo complexo que habilita os interlocutores a adquirirem a arte de pensar juntos para alcançar a compreensão profunda de um determinado objeto, no nosso caso, a busca do bem comum e o cuidado com a criação. Neste processo estão envolvidas todas as agências educativas a partir da família, a escola, o associacionismo, etc. Somente aprendendo este diálogo desde a infância poder-se-á esperar a sua realização de modo eficaz em nível global: “Uma boa educação escolar na infância e na adolescência, põe sementes que podem produzir efeitos ao longo de toda a vida” (n. 213).

“Toda mudança precisa de motivações e de percursos educativos”

Educar à consciência e à responsabilidade

Se estivermos atentos, perceberemos que os percursos de diálogo-confronto propostos pelo Papa Francisco refletem a necessidade

de viver a própria vida de modo mais consciente, para perceber o que está acontecendo na casa comum. Enzo Bianchi, Prior da comunidade monástica de Bose, no comentário à encíclica afirma: “consciência da situação-limite em que os nossos comportamentos – individuais, coletivos, políticos, econômicos – conduziram ‘nossa mãe terra’; consciência da irreversibilidade de certos processos já desencadeados; consciência da urgência de uma mudança de mentalidade e de ação; consciência da necessidade de unir as forças para deter a degradação e inverter a rota”

A consciência é a condição indispensável para assumir com coragem e audácia a própria responsabilidade de cuidar, cultivar e proteger a terra de acordo com o mandato do Pai (cf. Gen 2, 15). Isto implica a pedagogia dos pequenos gestos: redução do consumo, coleta dos resíduos, reciclagem, apagar luzes desnecessárias, evitar o desperdício etc. (cf. n. 211). O campo de ação é muito amplo e todos podemos fazer alguma coisa para responder ao urgente apelo do Papa: *Os pobres não podem mais esperar!*



Olhares e olhares

Maria Rossi

rossi_maria@libero.it

Quando as pessoas com as quais se compartilha o trabalho, a missão, a vida, olham com benevolência e compreensão, mesmo diante de descuidos e erros pouco justificáveis não se tem medo de assumir o erro e confessar o descuido.

Na cotidianidade do viver encontra-se uma multiplicidade de olhares. Cada pessoa tem um olhar predominante mesmo se, baseada em situações diversas, possa submeter-se a justificadas variações. Há olhares ansiosos, ambíguos, ausentes, de controle, de ressentimento, de suspeita, mas também olhares luminosos, serenos, benévolos, de simpatia, de ternura, de compaixão. Os primeiros criam mal-estar, perplexidade, dificuldade de relações interpessoais, enquanto os segundos difundem bem-estar, confiança, alegria de viver, facilitam a comunicação cordial e estimulam a criatividade.

Não é difícil encontrar-se com alguém que tem o costume de olhar em volta para **controlar**. Precisa saber onde está e o que faz uma, onde vai, o que comprou e o que gastou a outra, quem se casou com a tal e que trabalho faz o seu marido, se aquela tem algo mais e melhor... O fato de ter tudo sob controle lhe dá segurança e abrandam a ansiedade. Mas, tanto na família como nas comunidades, sentir-se controladas/os cria um ambiente asfixiante e pode induzir a comportamentos evasivos, a subterfúgios e a respostas agressivas.

Alguma tende a observar com **suspeita**. Se vir duas, a distância, falando em voz baixa, teme que estejam falando mal dela, ou querendo provocá-la e, se perde alguma coisa, acusa quem lhe está perto de roubar-lhe o que lhe é necessário. Traz suas coisas sob chave. É geralmente inquieta, se está mal, culpa os outros, difunde o mal-estar.

Não são poucas as pessoas, que tese formaram um olhar entre o **amargo** e o **ressentido**. Dificilmente sorriem. Nos acontecimentos cotidianos colhem e sublinham como os outros, as outras, podem

ir, vir, dizer, fazer, ter... enquanto elas, mesmo tendo trabalhado muito e tendo sido fiéis, nunca tiveram nada. Sentem-se desvalorizadas e inúteis, às vezes. É mais fácil para elas gozar dos insucessos das outras, dos outros, do que das suas realizações positivas. Criam um clima pesado.

Uma escolha pessoal

O olhar, mais que as palavras, reflete a atitude fundamental das pessoas. À sua formação concorrem, além da herança genética, da cultura, da história pessoal com todas as suas vicissitudes, também as *escolhas pessoais*.

Um olhar desconfiado pode ter sua origem numa rejeição ou num inadequado reconhecimento ao nascer, ou nos primeiros anos de vida. Se esta ferida profunda não for suficientemente trabalhada ou não se realizar uma nova situação, como o namoro, que determine uma plena e incondicional aceitação, a pessoa pode experimentar um medo angustiante por não achar-se em pleno direito de viver. O medo de que falem dela, que tirem dela o que lhe é necessário, que tramem contra ela, tornam-se tristes companheiros de viagem. O medo, nem sempre justificado, do desconhecido, do *diferente* por cultura, cor, etnia, gênero, religião, pode induzir a atitudes e a olhares de desconfiança e de rejeição, embora, nem sempre claramente expressos, por uma certa contenção,

Um olhar entre o amargo e o ressentido pode ter-se originado a partir de ciúmes normais e talvez inevitáveis entre irmãos e irmãs ou entre companheiros e companheiras de escola ou de grupo. Às

vezes, sentimentos ambivalentes diante dos familiares, sentimentos de culpa, ou um certo pudor devido a um exagerado senso de “dever ser”, impedem de encarar face a face a realidade, de se dizer e de expressar os sentimentos de ciúmes e inveja experimentados diante de um irmão, de uma irmã, e uma certa raiva diante do pai que parecia preferir ou de fato privilegiar um mais que o outro. Remover inconscientemente ou negar conscientemente a si e aos outros por ter experimentado sentimentos de ciúmes, de inveja, de ódio, leva a arrastar atrás de si algo a esconder. É fácil depois atribuir a outras/os, estes acontecimentos, experimentar o ressentimento e manifestar a amargura por serem injustamente avaliadas e não adequadamente tratadas.

Sob a atitude e o olhar de controle, muitas vezes esconde-se uma escassa confiança em si, uma discreta dose de insegurança e um pouco de ciúmes. Quem tem uma boa estima de si, mesmo tendo os olhos prudentemente abertos, não faz esforço para confiar nos outros. Acredita, geralmente, que cada uma/um é capaz de assumir as suas responsabilidades, sabe ponderar quanto gastar, quanto colocar no prato e como comportar-se com as pessoas.

Sente-se segura independentemente daquilo que tem, e de saber de modo obsessivo o ir e vir das pessoas, quanto comem, quanto dinheiro têm no banco e coisas semelhantes.

Um olhar sereno

É muito importante a quem trabalha em contato com pessoas, mas especialmente a quem se dedica à educação e aos sofredores, ter um olhar sereno, empático, que inspire confiança. Curar e superar atitudes e olhares negativos ou pouco serenos é possível em qualquer idade. Requer querer-se realmente bem, conceder-se uma boa dose de confiança e conseguir questionar-se sobre o que faz sofrer. A consciência das situações que estão na origem, o fato de encará-las sem angústia e admiti-las, permite aceitar-se por aquilo que se foi e por aquilo que atualmente se é, permite curar-se, libertar-se.

Atribuir-se situações, eventos, características positivas é fácil. Aceitar, em vez, a própria corporeidade assim como se apresenta, mesmo se não corresponde aos parâmetros da moda e/ou tem alguma deficiência; fazer as pazes com as próprias características psíquicas, mesmo se diferem daquelas que os outros queriam que tivéssemos e que nós mesmos aspiramos ter; reconciliar-se com a história da própria família e a história pessoal com sucessos e insucessos, encontros e desencontros, traições, incompreensões, erros, perdoar-se e perdoar, é cansativo, não isento de sofrimentos, mas possível.

Aceitar, elaborar tudo em si é um processo, mais fácil de se dizer do que de se fazer. Contudo é realizável, sobretudo quando se está em companhia de uma pessoa amiga, que inspira confiança e envolve de benevolência, que não julga, não condena, mas também não plágia. Se, depois, iluminada/o e sustentada/o pela fé, chega-se a perceber que não se está sozinha/o com os próprios sofrimentos e se experimenta envolvida/envolvido pelo olhar d’Aquele que é o Amor, a Misericórdia e que está sempre pronto a apertar num abraço aqueles que a Ele se dirigem, a aceitação de toda a própria história, a cura das feridas, a libertação, tornam-se mais fáceis e seguras.

Um obstáculo à cura e à formação de um olhar sereno é a geral tendência a focar os defeitos e as faltas dos outros e a negar inconscientemente os próprios defeitos ou também a atribuí-los aos outros. É difícil colocar-se em discussão e admitir que aquela imagem perfeita ou quase perfeita que cada uma/um construiu-se possa ter também alguma imperfeição sem entrar em crise de identidade ou cair em depressão. As pessoas, todavia, dados os recursos de que são dotadas e, como a história confirma, não faltam possibilidades de se enfrentar positivamente dificuldades e condicionamentos pesados e de se fazer escolhas libertadoras.

***É o amor que dá a vida,
cura e salva.***

A aceitação plena de si e da própria história e, portanto, nada tendo a ser negado e ou escondido, liberta de atitudes e olhares defensivos. Permite chegar a uma profunda unificação interior, a experimentar em si um espaço no qual sentir-se em casa, amada/o e libertada/o das expectativas e exigências dos outros e também daquelas que, muitas vezes escravizam, do Superego ou do urgente senso do “dever ser”.

Neste espaço é possível experimentar um contato com Deus, o Amor, o verdadeiro libertador. É um espaço de harmonia, de

calor e ternura, de amor e misericórdia. Quem nele habita não se fecha em si mesmo, mas alcança uma energia que o abre a uma relação desinteressada com todos os seres humanos, com tudo o que vive, com o cosmo. Um reflexo desta unificação interior, deste milagre é o olhar sereno, luminoso, que inspira confiança e envolve de bondade e misericórdia qualquer pessoa que encontre difundindo bem-estar e vida. Assim era, é, o olhar de Dom Bosco e dos nossos Santos. Assim é ou pode ser o nosso!



DOSSIÊ

As raízes da misericórdia



Sede misericordiosos

Gabriella Imperatore – Mara Borsi

gimperatore@cgfma.org – mara@fmails.it

“Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). A misericórdia nas Sagradas Escrituras é a palavra-chave para indicar o modo de agir de Deus conosco; é uma experiência interior. O Jubileu da misericórdia é uma ocasião para fazer uma nova experiência de amor e de Deus, uma experiência que nasce da escuta da Palavra.

Vocabulário bíblico da misericórdia

A misericórdia é um dos nomes do amor: poderíamos dizer que é o nome divino do amor. De fato, nos discursos cotidianos nós usamos genericamente o termo ‘amor’ ou outros termos como ‘misericórdia’, sem fazer muitas distinções.

A Palavra de Deus, em vez, é muito mais rica. Explora ressonâncias, faz vibrar todas as cordas e variar as nuances do coração humano.

No primeiro livro da obra *Monarquia*, Dante define Lucas *scriba mansuetudinis Christi*, o evangelista da bondade de Cristo, da misericórdia de Cristo e do Deus misericordioso. Segundo Lucas, o atributo próprio de Deus, e que deveria pertencer ao cristão e à Igreja, é a misericórdia, mais que a perfeição. A intuição de Lucas é que a perfeição de Deus reside no seu ser misericordioso. Jesus não enuncia uma doutrina sobre Deus e o seu comando exorta a fazer parte dela. “Sede misericordiosos”: fazei experiência da misericórdia, deixai-vos conquistar pela misericórdia, deixai-vos converter pela misericórdia.

No **Antigo Testamento** há uma passagem que contém diversos desses vocábulos e constitui uma síntese: O Senhor passou diante dele (Moisés), e gritou: «O Senhor! O Senhor! O Deus misericordioso (*raham*) e piedoso (*hannun*), lento na ira, rico em bondade (*hesed*) e fidelidade (*hemet*), que conserva a sua bondade (*hesed*) até a milésima geração, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado ...» (Ex 34, 6-7a).

Este é o relato conclusivo da Aliança entre Deus e o seu povo, o fulcro da fé de Israel e a culminância da relação Deus-homem. Aqui é o próprio Senhor que se faz conhecer e se revela. Estamos diante da revelação mais completa e mais profunda do Deus do Antigo Testamento, revelação que é também uma confissão de fé. Moisés guiou o povo a uma grande familiaridade com Deus.

Moisés falava com Deus, mas não podia vê-lo. É o símbolo de toda busca espiritual, na qual o divino permanece sempre mais além e tocá-lo não está ao nosso alcance.

Ninguém jamais viu Deus. Pode-se conhecer a bondade de Deus, a sua misericórdia para com o pecador, que precede o seu arrependimento. Não é uma troca, Deus não negocia, não coloca à venda o próprio amor. «Deus é lento na ira e rico em misericórdia, porque a sua cólera dura um instante, enquanto a sua bondade dura para sempre (cf. Sl 29,6).

Nós falamos de perdão, mas o verbo hebraico de Êxodo 34,7 significa literalmente ‘levar’, evocando a imagem de um Deus que ‘carrega’ o peso dos nossos pecados.

Como comunidades educativas deveríamos parar um pouco e perguntar-nos: é este o rosto de Deus em que acreditamos? E o que as pessoas intuem depois de ter-nos encontrado?

A misericórdia, no **Novo Testamento**, exprime o modo com que Deus se dirige ao homem, ama-o e o justifica em Cristo. Nele, o correspondente de *rahamin*, que indica as vísceras maternas e mais precisamente o útero (*rehem*) que se comove sob o impulso de uma profunda emoção do coração, é o grego *splánchma* do qual deriva o verbo *splanchnízomai*, o ser levado pela compaixão visceral.

Este verbo é usado apenas por Jesus e por Deus do qual Jesus nos fala na parábola do Pai misericordioso (cf. Lc 15,20). “Este teu irmão estava morto...”. Este olhar suscita piedade e esta piedade impele a restaurar a vida: o pai o vê... No homem mais miserável, Deus misericordioso vê a sua eminente dignidade de filho. João Paulo II sublinha, na

parábola do filho pródigo, a potência da misericórdia: «Tal amor é capaz de inclinar-se sobre cada filho pródigo, sobre cada miséria humana e, sobretudo, sobre cada miséria moral, sobre o pecado. Quando isto acontece, aquele que é objeto da misericórdia não se sente humilhado, mas como um reencontrado e “revalorizado”. O pai lhe manifesta em primeiro lugar a alegria por ter sido «reencontrado» e ter «voltado à vida». Tal alegria indica um bem inviolado: um filho, mesmo se pródigo, não cessa de ser filho real de seu pai; isso indica, por outro lado, um bem reencontrado, que no caso do filho pródigo foi o retorno à verdade sobre si mesmo» (DM 4). A parábola do filho pródigo mostra que a relação de misericórdia fundamenta-se na comum experiência comum daquele bem que é o homem, na comum experiência da dignidade que lhe é própria. Esta comum experiência faz com que o filho pródigo comece a ver-se a si mesmo e as suas ações com toda a veracidade; e para o pai, justamente por este motivo, ele se torna um bem particular: «o pai vê, com tão límpida clareza o bem que foi realizado, graças a uma misteriosa irradiação da verdade e do amor, que parece esquecer todo o mal que o filho havia cometido» (DM 4). Jesus com toda a sua existência nos relata as “vísceras de misericórdia do nosso Deus”.

Nós nos lembramos das pessoas que foram de misericordiosas conosco? Quando fomos misericordiosos com os outros?

A cruz de Jesus à raiz da misericórdia

Depois de um entusiasmo inicial diante de Jesus, a sua mensagem e os seus gestos de misericórdia são duramente criticados e considerados escandalosos; o resultado é a cruz.

Jesus está consciente do que o espera em Jerusalém, ele sabe que será morto assim como foram mortos os profetas. Em obediência à própria missão Jesus percorre, por completo, o caminho da salvação do seu povo e do mundo. *Ele empreende em nome do seu povo o caminho da paixão.* Durante a última Ceia, no momento da instituição da Eucaristia, as expressões *para vós, para muitos*, têm um papel central.

Kasper afirma que em todos os relatos da última Ceia encontramos em resumo o centro da vida de Jesus: *ser para nós, para todos, a sua pró-existência. O ‘pro nobis’ é o sentido*

da sua existência e da sua morte voluntariamente sofrida.

“Misericórdia: conceito fundamental do Evangelho. Chave da vida cristã”, (Cardeal Walter Kasper).

A representação vigária de Jesus

Não é fácil, no clima cultural de hoje, entender corretamente a representação vigária. Ela parece contradizer a responsabilidade pessoal do ser humano diante das próprias ações. No modo de pensar de hoje nascem logo diversas perguntas:

Como pode alguém agir em nosso nome, sem que nós o tenhamos delegado a fazê-lo?

Deus quis para a redenção do mundo o sacrifício do próprio filho? Mas que tipo de Deus é um Deus que passa sobre o cadáver do próprio filho?

As fontes bíblicas indicam que, com o seu pecado, o pecador faliu em sua vida e merece a morte. Paulo na carta aos Romanos afirma decididamente que *o salário do pecado é a morte* (6,23). Segundo a concepção bíblica do homem esta miséria não diz respeito apenas ao indivíduo, mas ao povo e em definitivo a toda a humanidade. *O indivíduo contamina com a sua impiedade a totalidade do povo; por isso todos foram vítimas da morte.*

Neste contexto, afirma Kasper, podemos compreender a *representação vigária*. Nós, pessoas finitas, limitadas, mortais não podemos restabelecer, com as nossas forças, a vida. *Podemos ser arrancados do pecado e da morte somente se Deus, Senhor da vida e da morte, não quer na sua misericórdia a morte, mas a vida... Nenhum homem, mas somente Deus pode redimir-nos da nossa profundíssima e mortal miséria.*

Deus não ignora o mal presente na história, nem o considera insignificante ou irrelevante, ele leva a sério a obra da pessoa humana.

*Com a sua misericórdia Deus quer satisfazer também a sua justiça. Por isso Jesus toma livremente o pecado sobre si, em nossa **representação vigária**, antes, torna-se ele mesmo pecado (2 Cor 5, 21). Sendo, porém, Filho de Deus, não pode ser vencido pela morte, mas vence a morte. Deste modo ele se tornou para nós a porta de ingresso para a vida.*

Nele Deus se manifestou definitivamente como o Deus compassivo que torna possível

um novo início e nos regenera na sua misericórdia.

Por isso, a representação vigária não remete a um Deus vingativo que tem necessidade do sacrifício para aplacar a própria ira. Deus no seu Filho toma o nosso lugar, toma sobre si a ação mortífera do pecado para doar-nos de novo a vida.

Ela é ao mesmo tempo exclusiva e inclusiva. É exclusiva no sentido que Jesus é o único mediador da salvação e é inclusiva porquanto envolve cada um de nós no dom que Jesus faz de si mesmo.

A representação vigária não substitui a responsabilidade pessoal, mas lhe permite funcionar de novo, ela nos liberta para uma nova vida.

Na fé podemos por isso dizer com certeza que Jesus deu a vida por todos, portanto também de modo todo pessoal por mim.

Tal convicção tem uma importância existencial extraordinária para cada pessoa que reflete sobre o relacionamento pessoal com Jesus: *Eu te agradeço de coração, ó Jesus, amigo caríssimo, pelos sofrimentos da tua morte, porque pensaste que seriam muito bons.*

A exemplo de Jesus

Muitos santos suportam o deserto e a noite escura da fé e do abandono em *representação vigária* daqueles que são prisioneiros do afastamento de Deus e da falta de fé.

Teresa de Lisieux oferece-se como holocausto ao amor, reza pelos seus irmãos que não creem, para que percebam o raio luminoso da fé.

Benedita da Cruz percorre o caminho das câmaras de gás de Auschwitz, em representação pelo povo hebreu, ao qual pertence,

Maximiliano Kolbe doa a própria vida em favor de outro prisioneiro, pai de família.

Estes depoimentos evidenciam como a representação vigária está no centro da vida.

O sofrimento é suportado até que passe. Ou o mundo deve suportá-lo e perecer por sua causa, ou ele cai sobre Cristo e é nele superado. Cristo sofre em representação pelo mundo. Somente o seu sofrimento é um sofrimento redentor. Mas a comunidade também já sabe que o sofrimento do mundo precisa de alguém que o carregue. Por isso no seguimento de Cristo o sofrimento cai sobre ele e ele o suporta, enquanto, por sua vez, é suportado por Cristo. A comunidade de Jesus Cristo está em representação do mundo diante de Deus seguindo sob a cruz (Dietrich Bonhoeffer).

A espiritualidade de interceder por outros e de entrar no lugar de outros, para nós Filhas de Maria Auxiliadora, pode tornar-se particularmente proveitosa para quebrar a orientação voltada apenas para o interior das pessoas e das comunidades e tornar-se a diretriz espiritual que nos permita tornar concreto o desejo - que às vezes permanece apenas e sempre um desejo - de habitar as periferias e de alcançar as novas fronteiras da missão onde Deus nos espera. Um amor do próximo vivido de modo radical parte da cruz de Jesus, raiz da misericórdia de Deus.

O sentido da misericórdia nas palavras da humanidade de hoje.

Cada geração cristã é chamada a fazer falar o Evangelho no próprio tempo para que seja palavra que os homens e as mulheres sintam como boa para suas vidas. Eis a proposta de um itinerário 'em saída de si mesmos' para declinar a misericórdia por meio da confiança, do dom, do perdão, da compaixão e da comunidade.

La primeira palavra é **Confiança**

Na mentalidade bíblica confiança é estabilidade e segurança que derivam do apoio em alguém. Significa ter um ponto firme de apoio, sentir os pés apoiando-se em terra sólida, segura.

No contexto contemporâneo vivemos uma verdadeira e própria crise de confiança. A suspeita, o ceticismo, a desconfiança arruinam as relações, a precariedade e a corrupção corroem a vida e os projetos de futuro. Há necessidade de uma confiança fundamental para que sejamos sustentados na fadiga cotidiana do viver. Temos necessidade de uma confiança radical, isto é, a confiança de sermos sempre e apesar de tudo amados, o que não nos tira os pesos, mas nos encoraja a levá-los com esperança.

Jesus é o homem confiável que suscita confiança, que nos entrega o rosto de um Deus confiável. Os seus gestos de abertura, de acolhida, de abstenção de condenações, encorajam, restauram a crença na vida. A confiança faz dar um passo à frente. O ponto de conversão em uma pessoa está ligado a uma presença gratuita e radicalmente boa capaz de convencer a respeito da bondade da vida. É apenas uma presença confiável ao nosso lado que pode dar-nos esta convicção. Como cristãos somos chamados a ser pessoas confiáveis e a suscitar mais confiança em quem nos encontra.

A segunda palavra é **Dom**

Significa gratuidade. As palavras dom e confiança estão fortemente correlacionadas. Somente a gratuidade no doar-se torna a pessoa digna de confiança limpando o campo da suspeita, das segundas intenções e das expectativas de uma retribuição. A lógica do dom não age apenas em nível individual: faz-nos intuir uma sociedade mais igualitária e generosa, subtraída à férrea lógica da acumulação por parte de poucos privilegiados e, também, uma igreja que se faz pobre e serve dos pobres. Enzo Bianchi afirma “que no dom existe o reconhecimento da singularidade do outro, da sua dignidade”, da beleza de colocar-se em relação com o outro; de algum modo o dom celebra o outro sem medir, o quanto ele o mereça. Em todos os aspectos da vida humana é importante que possa emergir a gratuidade do dar. O dom que alcança a sua plenitude torna-se perdão.

A terceira palavra é **Perdão**

Para Jesus o perdão é um imperativo, é a marca da existência cristã, para ele é preciso perdoar sempre (cf. Mt 18, 22).

O perdão é um grande ato que suscita interesse. O filósofo leigo Derrida afirmou que o perdão diz respeito apenas àquilo que é verdadeiramente imperdoável. Às vezes chega-se a perdoar somente depois de um longo processo interior que pode durar anos, é uma possibilidade humana que às vezes pode também não se realizar. Na experiência cristã é fundamental ter consciência do perdão recebido, de sermos nós mesmos em primeiro lugar pessoas perdoadas e sempre acolhidas por Deus. Dele recebemos o Espírito Santo que nos torna capazes de perdão. Perdoar é uma verdadeira conversão a ser implementada em nós mesmos: o perdão não nasce da conversão daquele que ofendeu, mas da conversão da vítima. Este é o escândalo do perdão: (cf. E. Bianchi 2014).

A quarta palavra é **Compaixão**

Na Bíblia a compaixão acompanha sempre a misericórdia de Deus (cf. Ex 34, 6; Sal 86, 15; 2Cr 30,9). A compaixão é uma atitude que nos permite compartilhar o sofrimento do outro; ela é o *sofrer com*, o ser envolvido nos seus sofrimentos. O oposto daquela anestesia social que nos faz passar ao lado dos outros com indiferença. Nem sempre há soluções ou remédios para o mal.

Mas a compaixão, o não deixar sozinha uma pessoa no sofrimento, está ao alcance de todos.

Jesus deu rosto ao Deus que está conosco também em nossas dores, porque tem compaixão dos nossos sofrimentos. Ele é o homem das dores que conhece bem o sofrimento (Is 53, 3). Ele se deixou ferir pela ferida do outro como várias vezes sublinhou Abbé Pierre. O teólogo Metz propõe para o nosso tempo, em que prevalece a força das armas e do dinheiro, a compaixão como programa universal do cristianismo.

A quinta palavra é **Comunidade**

A esta palavra estão fortemente associadas duas outras: *comunhão* e *comunicação*. Fazer comunidade significa compartilhar em solidariedade e responsabilidade, é sentir-se ligados tecendo novas aproximações. É importante lembrar que existe vínculo lá onde se tem a consciência *de estar juntos*, *de estar com*. Comunidade pode ser entendida também como *unidade com* e isto corresponde à misericórdia, que faz primado daquilo que une sobre aquilo que divide. Jesus quando encontra as pessoas procura o encontro, a comunicação. Sua atitude é uma verdadeira e real provocação para colocar em discussão as separações que atravessam as nossas sociedades.

A realidade da comunhão remonta ao próprio ser de Deus. Estamos ligados, estamos em relação porque o próprio Deus é relação. Existe comunhão em Deus. Existe comunhão entre Deus e a humanidade, na criação e na encarnação. Existe comunhão entre as pessoas na proximidade e na fraternidade do pão partilhado. Existe comunhão entre a humanidade e o cosmo, na responsabilidade do cuidado com a casa comum.

“A misericórdia é a arte de viver – de viver juntos – segundo esta comunhão. É o estilo que marcou toda a existência de Jesus” (C. Albin 2015). O crucifixo nos lembra que a misericórdia não é sentimentalismo barato mas dedicação a preço alto.

A misericórdia no sinal do Perdão

«Acolhemos, diariamente, mais de 200 crianças às quais, toda manhã, ensinamos a invocar o Único Deus Pai de todos, que nos

ama, porque somos seus filhos e nos perdoa sempre.

Certo dia, o pequeno Ali, quatro anos, tendo voltado para casa, diante do aviso severo que a mãe dava ao irmãozinho maior: «Continue a ser mau e verá que Alá te punirá», interfere, dizendo: «Não, não acredite naquilo que está dizendo mamãe, porque na escola escutei que Deus é AMOR e nos perdoa sempre». É este o clima educativo que se respira, também nos momentos mais difíceis, a força da oração e a fé são o único caminho para ensinar que se pode perdoar (Ir. Carole Tahhan, FMA de Aleppo)».

«A guerra na Síria deixou uma marca indelével na minha família. Perdemos a casa, e em novembro passado, num absurdo ataque terrorista, meu irmão encontrou a morte. Mamãe está inconsolável, a oração e a invocação pela Paz são a única arma para repetir a cada dia que Jesus é misericordioso, às vezes penso no povo sírio que sofre pelos crimes e horrores desta guerra, e então, não é fácil perdoar... o caminho é longo! (Ir. Jeanne d’Arc, jovem FMA síria)».

«Voltei, faz pouco tempo, à minha amada terra devido à experiência do mês apostólico e vivi momentos dolorosos que estão tocando pequenos e grandes, famílias e jovens, sobretudo cristãos. Diariamente procuro dar às crianças que se aproximam a alegria de se sentirem amadas, de esperarem ainda pela paz, pelo bem. Aqui, muitas FMA e os irmãos salesianos, por meio da catequese, da acolhida, da solidariedade empenham-se em educar ao perdão, à paz... “*Al Salam maakon, a Paz*”, *esteja com todos nós e no mundo inteiro!* (Yoliana Yakoub, noviça FMA, síria)».

«Penso que o perdão na Síria, com os nossos colaboradores, jovens, famílias, seja fruto da Graça e da infinita bondade de Deus misericordioso, que a gente aqui toca com a mão, precisamente na precariedade de uma situação bélica que se vive dia por dia. Há muita oração e as pessoas confiam em nós, acolhem o nosso empenho em educar à Paz, na família na escola, no oratório (Ir. Ada, FMA missionária italiana em Damasco)».

«Eu tinha apenas dois anos de profissão quando cheguei ao Egito. Logo amei esta terra bendita e me doei com respeito e cordialidade às pessoas das duas religiões. Quantas lágrimas, gritos e silêncios de sofrimentos inimagináveis, orações e súplicas. A devoção a Maria é forte e também o sentido do perdão nos cristãos, nos consagrados e nos muçulmanos moderados. A nossa presença aqui é sinal de que a Paz é possível; o povo vive com forte tradição, com seu credo religioso, com o espírito de família e é esta a riqueza que ajuda a superar a angústia da guerra e faz esperar no perdão de Deus, Pai misericordioso de todos (Ir. Marcella Soldaini, missionária italiana desde 1963 no Oriente Médio)».

A misericórdia tem um valor de mensagem universal do cristianismo num mundo dividido por conflitos, guerras e injustiças. Ela se põe como ponte para as outras religiões: por exemplo, aproxima-se muito do que ensina o Dalai Lama sobre a compaixão como coluna do Budismo que faz o homem sair de si mesmo. E pensamos no Islã, onde todas as suras do Corão se abrem com a fórmula “No nome de Deus, o misericordioso e o compassivo” (*bi-smi-llahir r-rahmani r-rahimi*). Então, também no Corão Deus faz a sua aparição no sinal da misericórdia.



Ter compaixão

Mara Borsi

mara@fmals.it

A tradição bíblica apresenta Deus apaixonadamente próximo dos pobres: «Ele é fiel para sempre, faz justiça aos opressores, dá pão aos que têm fome, liberta os prisioneiros, cura os cegos, levanta os caídos, ama os justos, protege os estrangeiros, sustenta o órfão e a viúva» (Sl 146). Deus não mede o seu amor e não faz diferença entre as pessoas; todos e todas, sem exclusão, são amados por Ele. Todavia, Ele tem um cuidado particular para com aqueles que são feridos em sua humanidade e se encontram afastados da dignidade humana, da dignidade dos filhos e filhas de Deus.

Jesus manifesta este amor preferencial de Deus pelos pobres, e o encarna de maneira completa. Não existe vida, segundo o Evangelho, sem amor preferencial pelos pobres, sem empenho concreto para com eles, ao lado deles, por uma vida mais humana.

O caminho de Damasco é uma metáfora que indica a realidade da conversão. Nesta estrada Jesus atrai a si Paulo e, para ele, começa, aquele percurso de mudança de vida que o levará a ser o apóstolo das gentes. Hoje, como Igreja, comunidades e pessoas somos convidados a mudar a direção no nosso modo de viver a Boa Nova do Evangelho de Jesus.

Mover-se

A evangelização requer a capacidade de comover-se, isto é, de *mover-se fora de si* para ir ao encontro do outro, particularmente quando o outro sofre qualquer forma de pobreza: econômica, física, psicológica, afetiva, moral ou cultural. Evangelizar é então, a exemplo de Jesus, entrar nas situações humanas concretas e «*compadecer-se*» daqueles seres humanos feridos, afetados na sua dignidade. Poder compadecer-se, poder compartilhar as alegrias e as penas de cada um, particularmente dos pobres e daqueles que sofrem, é a qualidade essencial de quem anuncia o Evangelho. Compadecer-se é *experimentar com, sofrer com*, não por piedade, mas por solidariedade; não pelo amor do sofrimento, mas para aliviá-lo, para combatê-lo, às vezes, simplesmente para escutá-lo, a fim de que a vida se recolque em pé. Esta emoção e esta compaixão

impelem à ação, à ajuda imediata, mas também, a longo prazo, ao empenho social por uma justiça e uma dignidade maiores. O gesto solidário imediato, embora necessário, requer por quanto possível uma ação decidida e competente para transformar, de maneira duradoura, as condições sociais da existência em benefício de todos.

Testemunho: A noite em Opatavoc

Qunaf nasceu em Qamishli, no Kurdistan sírio, onde sempre viveu. A sua viagem para a Europa começou quando a partir de Izmir, nas costas turcas, decidiu tomar o caminho pelo mar com toda a sua família. «Tínhamos medo, certamente, porém, nada mais perigoso do que ficar na Síria. Tenho quatro filhos, não posso viver com o terror, pois, a cada dia eles correm o risco de não voltar para casa».

Mohammed a tranquiliza, diz-lhe que o marido e os filhos chegarão ao campo, nos próximos ônibus da noite. Mohammed nasceu e cresceu em Londres numa família metade libanesa e metade iraquiana, é um dos pouquíssimos operadores aqui em Opatavoc capaz de falar árabe e de poder servir com eficiência os fugitivos em trânsito. É um voluntário que em Londres trabalha como oculista. «Quando vi aquilo que estava acontecendo na rota balcânica senti que devia fazer alguma coisa de concreto. Junto com outros amigos conseguimos recolher de parentes e conhecidos 2500 dólares e os investimos em alimentos, cobertores,

remédios, fraldas para bebês, leite em pó, tudo o que pudesse servir a pessoas que estão em viagem, por semanas. Decidimos vir aqui, no lugar, para dar a nossa ajuda diretamente. Sentíamos o dever de estar presentes porque sabemos por experiência que aquilo que estão vivendo estas pessoas hoje, aconteceu com milhares de outras no passado, e poderia acontecer ainda a cada um de nós no futuro».

Mohammed é incansável e tem sempre um sorriso no rosto. A cada ônibus que chega durante toda a noite, é sempre o primeiro a ficar na porta para acolher e tranquilizar, na língua-mãe, os novos chegados. Chegam do desfiladeiro de Bapska após semanas de uma infinita odisseia. Isto acontece no coração da Europa de 2015. Aqui no campo o fluxo de chegadas é contínuo. Um ônibus atrás do outro por horas. Até o amanhecer. Homens, mulheres e crianças, muitíssimas das quais recém-nascidas, em viagem há semanas, vindos da Síria, Afeganistão ou Iraque que, por terem chegado até aqui, já atravessaram a Turquia, a Grécia, a Macedônia e a Sérvia. São trazidos a Opatovac para serem registrados assim que entrarem na Croácia.

.(<http://www.ilreportage.eu/2015/09>)

Humanizar

O teólogo André Fossion enfatiza que «sob o ponto de vista evangélico, a caridade que toma a forma de uma luta pela justiça é um fim em si mesma. Não é um momento ou uma tática dentro de uma estratégia apostólica. Se a prática da caridade é um fim em si mesma, não é porém muda. Ao contrário, ela é o caminho no qual a Boa Nova do amor de Deus, pode se expressar, ser entendida e reconhecida de modo privilegiado». O anúncio da Boa Nova encontra o seu terreno natural no exercício da caridade; acompanha-a para iluminá-la, para dar-lhe um sentido suplementar, para abri-la a um horizonte de esperança e de alegria inesperada. Por isso a

Boa Nova não se une à ação caritativa de fora para dentro, mas faz parte dela, é o seu prolongamento. De fato, a proclamação do amor de Deus é, por si mesma, uma ação de caridade. É uma palavra eficaz, vivificante, solidária, salutar. Opera a misericórdia, faz justiça, reconduz à própria dignidade, dá esperança, convida a colocar-se em pé: “Levanta-te e caminha”.

Este movimento de unir o gesto caridoso ao anúncio da Boa Nova é tarefa própria de cada cristão. Mas é também próprio da comunidade cristã dar testemunho do amor compassivo de Deus, com gestos e palavras. O que conta, a este respeito, é que o povo cristão, como corpo, esteja efetiva e resolutamente empenhado, em nome do Evangelho, na tarefa da humanização a serviço dos mais pobres, e junto com eles. A Igreja perderia toda credibilidade, toda autoridade se os pobres não reconhecessem nela uma aliada, se nela não encontrassem seu lugar, com pleno direito. A autoridade não se toma, é sempre recebida, reconhecida por outrem. Vale também para a Igreja. Ela recebe a sua autoridade dos pobres, da gratidão que eles manifestam para com ela. É exatamente este reconhecimento da Igreja por parte dos pobres que lhe confere autoridade aos olhos do mundo. É este mesmo reconhecimento que permite à Igreja reconhecer-se fiel ao Evangelho. Por isso, devemos dizer, a comunidade cristã é evangelizada e se torna evangelizadora quando se deixa comover pelo sofrimento dos pobres, quando se empenha, ao seu lado, e junto com eles, por um mundo mais justo, proclamando a misericórdia de Deus.

De que modo isto influencia a iniciação à fé? Que lugar se dá à compaixão na educação à vida cristã? Como pode a opção preferencial pelos pobres tocar concretamente a catequese na Igreja?

Migrar

A exemplo de Jesus a *comunidade cristã de referência*, indicada pelas Linhas orientadoras da missão educativa (LOME), é chamada a evangelizar os pobres, a dirigir-se de maneira privilegiada às pessoas desfavorecidas pela vida, para testemunhar-lhes, com os gestos e as palavras, o amor compassivo de Deus. O perigo que ameaça a catequese, a educação à fé a este respeito, é filtrar os próprios destinatários e confinar-se em ambientes econômica e culturalmente favoritos. Os lugares, os horários, os ritmos, os métodos da catequese, preste-se atenção, podem ser uma causa de exclusão.

Jesus tinha a capacidade chocante de dedicar-se aos excluídos, aos distantes das honrarias e dos cânones religiosos do seu tempo. No seu seguimento, a educação à fé deveria sair das pistas batidas e *migrar* para lugares e ambientes rotineiramente negligenciados? A exortação apostólica *Catechesi Tradendae* indicava em particular «os migrantes, as pessoas marginalizadas pela mudança cultural, aqueles que moram nos bairros das grandes metrópoles muitas vezes privados de igrejas, de locais e de estruturas adequadas» (n. 45).

A *comunidade cristã de referência*, lá onde trabalha, é chamada a encontrar a força «iniciática» do contato com as situações de pobreza e do envolvimento no agir concreto.

Esta solidariedade vivida com os pobres não será simplesmente uma consequência da catequese, da educação à fé; fará parte do caminho feito ao longo de todo o seu desenvolvimento. Será uma solidariedade vivida por meio de serviços concretos em nível local e a participação a uma rede de sensibilização ou de ação para uma maior humanização e justiça no mundo. É importante colocar os jovens que frequentam os percursos de educação à fé em contato com situações de pobreza, próximas ou distantes, que toquem o coração, interpelem a inteligência e mobilizem a ação.

Nada pode fascinar mais do que uma comunidade que vive empenhada na causa dos pobres, ao lado deles. As comunidades cristãs de referência que querem agir nos diversos contextos geográficos são chamadas a serem o lugar em que o «vinde e vede», se torna concreto nas atividades de solidariedade. A iniciação cristã tem à sua frente este desafio: a causa dos pobres e a credibilidade do Evangelho.



Madre Teresa di Calcutá (1910-1997).



Nascida em 26 de agosto de 1910 em Skope, cidade situada no ponto de passagem para os Balcãs. A Madre Teresa de Calcutá, confiada a missão de proclamar o amor sedento de Jesus pela humanidade, especialmente pelos mais pobres entre os pobres. *“Deus ainda ama o mundo e envia a mim e a ti a fim de que sejamos o seu amor e a sua compaixão para com os pobres”.*

Dos seus escritos

«...Deus ama o mundo por meio de você e de mim. Somos nós aquele amor e aquela compaixão? Cristo veio à terra para representar a compaixão do Pai.

Deus ama o mundo por meio de ti e de mim e de todos aqueles que testemunham o Seu amor e a Sua compaixão no mundo.

Existe muito sofrimento no mundo, muitíssimo. O sofrimento material é o sofrimento de quem tem fome, de quem não tem uma casa, de quem está doente, mas continuo a considerar que o sofrimento mais profundo é o de quem está sozinho, de quem não se sente amado e de quem não tem ninguém.

Cheguei a me convencer sempre mais intimamente que a pior doença que qualquer ser humano possa experimentar é a de não ser desejado.

Nestes tempos de desenvolvimento, o mundo inteiro corre e tem uma grande pressa.

Mas há aqueles que caem ao longo do percurso e não têm força de prosseguir. É com estes que devemos preocupar-nos...

Faça o melhor que puder e confie que os outros, por sua vez, façam também o melhor. Seja fiel nas pequenas coisas porque é nelas que reside a sua força.

Os Evangelhos nos lembram que Jesus, antes de pregar para as pessoas, sentiu compaixão pelas multidões que o seguiam.

Às vezes a experimentava ao ponto de se esquecer de comer. De que modo colocou em prática a sua compaixão? Ele multiplicou os pães e os peixes para satisfazer a sua fome.

Deu-lhes de comer até ficarem completamente satisfeitos e sobram ainda doze cestos cheios de comida. Somente então começou a pregar».

Família: mudanças a serem gerenciadas

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese

danesedinicola@prospettivapersona.it

«Os meus amigos fazem um pequeno provérbio dizendo que a mamãe é irritante e que o papai, é melhor vê-lo o menos possível. A mim parece que gostam de se fazerem valentões. Na realidade todos, assim como eu, são apegados à família e ai de quem lha toca. Aliás, por que Alessio brigou com Ângelo que mandou sua mãe para aquele lugar? » (Marco, Luca).

Extinção ou renovação?

Na cultura contemporânea, a possibilidade de confrontar-se com uma multiplicidade de modelos e estilos em cada parte do mundo, graças aos avançados processos de comunicação, favorece uma mentalidade que coloca em evidência os limites da família 'tradicional' e exalta as diversas orientações daqueles que vivem sob o mesmo teto: convivências que rejeitam o matrimônio como "produto da sociedade" passível de extinção, formas *neo-estruturais* reguladas por princípios de autonomia e carreira dupla, famílias com um só genitor por escolha, matrimônio em conformidade com a tradição, duplas chamadas *child-free*, cônjuges *pendulares*, que se encontram de maneira não contínua (no final de semana ou mais raramente), formas *neo-comunitárias*, caracterizadas pelo forte estímulo solidário, seja internamente (orientação à reciprocidade) seja externamente (participação em grupos de serviço), famílias *reconstituídas*, que se recompõem com outros sujeitos depois de se terem separado, formas *alternativas*, como as uniões homossexuais, formas *problemáticas* caracterizadas pela fragilidade do vínculo ou pela violência, famílias formadas por uma só pessoa, especialmente nos Países com progressivo envelhecimento da

população, lá onde cresce o número de "famílias", porém cada vez menores. Tal cultura vencedora e neutra, que rejeita um juízo de valor acerca da morfogênese das novas formas, promove processos de *deculturação* que, de fato, se verificam em detrimento das culturas não dominantes do Sul e do Leste do mundo, notoriamente mais ligadas às tradições. E ainda, não obstante as variações relativas ao modo de produção, à estratificação social, ao poder político, às convicções religiosas, às numerosas subculturas, às diversas formas de sociedade tribal, de casta, antiga, feudal, industrial, pós-industrial, existem pelo menos dois pontos firmes que resistem e que encontramos em toda parte, quase arquétipo da relação entre homem e mulher:

- o matrimônio marca a passagem do instinto primordial de posse do outro À cultura ordenada em institutos tendentes à equidade e à justiça: «Daí que a celebração do casamento com suas festas, tribunais e altares transformaram as feras humanas em seres piedosos consigo e com os outros...» (U. Foscolo, *Dei Sepolcri*, vv.91-93);

Cfr J. Rumney, J. Maier, *Sociologia*, tr. de A. Ballardini, Bologna 1955, p. 123; D. Cooper, *The Dead of the Family*, New York 1970; tr. it. C. Maggiori, Torino 1991.

- o matrimônio e a família permanecem no imaginário das populações – e também dos adolescentes da nova geração – uma aspiração ideal à vida sadia e feliz, não obstante para além das falências e dificuldades tão abundantemente evidenciadas na mídia.

Então, a constatação da variação dos modelos e das mutações em ato não leva a afirmar o fim do matrimônio e da família nem a julgar equivalentes os diversos estilos de vida: prefere-se não estigmatizar e punir as relações entre pessoas do mesmo sexo, as convivências, e até mesmo o tráfico, a pedofilia, os chamados ‘poliamores’, considerados acontecimentos nas histórias de vida, mas continua-se a considerá-los menos adequados ao que cada um aspira como coisa boa para si mesmo e para os próprios filhos.

Acerca do matrimônio e da Família recomenda-se: G. P. Di Nicola - A. Danese, *Por que casar-se? Viagem entre obrigações, conveniências e escolhas libertadoras*, São Paulo, Milão 2014; para os aspectos educativos: *De Amor a Zapping. Dicionário para incomprensíveis adolescentes*, São Paulo, Milão 2008.

Banir a nostalgia do passado

A repreensão feita frequentemente aos tradicionalistas de se debruçarem sobre as queixas e arrependimentos não está totalmente fora de lugar. As considerações dos nós problemáticos e dos desafios que os esposos devem enfrentar hoje não deveriam caminhar sem um grifo paralelo das conquistas e dos pontos fortes. Tentamos evidenciar alguns traços:

- Sabe-se que as expectativas acerca da **duração da vida conjugal** são diversas nas várias partes do mundo: se nos Países em que a família é tradicionalmente mais estável são as guerras e a pobreza que provocam a

desintegração das famílias, no Ocidente os matrimônios terminam quando os esposos o decidem (duração média dos matrimônios pelas separações: 13 anos, pelos divórcios: 17 anos). Por isso as médias permanecem mais ou menos no mesmo nível de quando o matrimônio era interrompido pelas mortes devidas, sobretudo, aos partos para as mulheres, e às guerras para os homens.

- Que dizer da **taxa de natalidade** que marca a grande diferença entre os Países ricos com um ou dois filhos em média, e os países pobres com famílias numerosas? Estes últimos sempre experimentarão mais migrações rumo às esperanças promissoras de melhora da vida, enquanto os primeiros notificam que num futuro próximo poderão ganhar uma adequada mudança da população justamente graças aos milhares de migrantes que aceitam ficar nos últimos degraus da escala social, esforçam-se para aprender a língua e integrar-se, mas não renunciam ao prazer de procriar e de propiciar o estudo aos filhos.

- Um desafio para a família de hoje é a **cultura da reciprocidade e da solidariedade**. Fica-se muito sozinho a respeito das responsabilidades, quando falha a comunidade envolvente, muitas vezes fofoqueira e opressiva, mas sempre solidária. Nos Países pobres as mulheres cuidam da família frequentemente sem a ajuda do marido, que se encontra distante pela emigração ou pela cultura machista, precisando, deste modo ser, ao mesmo tempo, mãe e pai, donas de casa e trabalhadoras, compensadas, somente em parte, pela solidariedade da aldeia. No Ocidente jovens esposos habituados às viagens, ao esporte, ao tempo livre, trabalham, com um filho para criar, longe das famílias de origem, às vezes separados pelo trabalho ou obrigados a encontrar-se no patamar. Muitos casais jovens não aguentam a brusca mudança do estilo de vida e abandonam o pacto conjugal. O machismo com suas implicações de falho espírito de partilha, violência e opressão psicológica, corrói a unidade familiar. O estresse torna insuportáveis os ritmos de vida: a casa, os filhos, o trabalho, a burocracia, o computador

(com o tempo necessário para responder às mensagens e e-mail, para usar a internet e se atualizar), as pequenas reparações, a participação na escola, no condomínio, no bairro, no partido, na paróquia. Pede-se muito aos jovens que decidem começar uma família, mas dá-se ainda muito pouco a eles em termos de proteção da unidade conjugal e familiar, que precisaria de tempo para a intimidade, de solidariedade como obra de misericórdia que permita viver melhor e regenerar o sabor do amor.

- Nos Países pobres uma grande parte de pais é carente de cultura e de escolas adequadas, com equipamentos e conteúdos, para poder dar uma educação adequada às novas gerações diante dos desafios de uma sociedade complexa. Os jovens assimilam modelos de sujeição e/ou prevaricação, em conformidade servil às tradições e religiões, com escapatórias mais ou menos ilegais para sobreviver. No Ocidente são os pais que abandonaram o **dever educativo**, como um súbito e grande desastre das responsabilidades em vantagem da TV e dos instrumentos tecnológicos. Ao mesmo tempo reduz-se a aliança tradicional entre família e paróquia. Em nossa pesquisa intitulada “Jovens telemáticos” (Edigrafital, Teramo 2005), os adolescentes atestam a liberdade que gozam da parte dos pais estressados, que não veem a hora de achar um pouco de tempo para si mesmos, e renunciam a discutir com os filhos: os “não” exigem um esforço excessivo.

- Muitas vezes nos matrimônios dominados pela tradição, a Instituição resulta opressiva, ainda mais se os relacionamentos são conflitantes, violentos, infiéis. Por outro lado a tendência da cultura contemporânea a cindir **amor-paixão e instituição**, tanto para os matrimônios civis como para os religiosos produz a recusa do liame público, formal, obrigatório e a escolha das convivências, do gueto dos dois corações e uma cabana, do amor para o dia. Ora, se é verdade que a união entre um homem e uma mulher é de per si pré-jurídica e que as instituições podem selá-la, mas não suscitá-la, é também

verdade que sem a instituição o amor é mais frágil, a parte mais fraca é menos defendida, a sociedade menos empenhada em sustentar as tarefas familiares. Trata-se, portanto, de encontrar o melhor modo de conjugar estabilidade e justiça da instituição familiar.

Os filhos na sociedade pré-moderna, onde se verifica um atraso da mudança, eram e ainda são, braços ou pior “força-trabalho” para trabalhar a terra. Hoje a pesquisa psicológica encoraja as mães a cuidar pessoalmente dos filhos. Também os estudos sobre a paternidade reconhecem a necessidade da presença paterna desde a vida pré-natal. A mudança representa uma oportunidade para orientar em sentido mais humano as relações pais-filhos, quaisquer que sejam as variáveis de classe, de sexo, geográficas, culturais.

- A **higiene** e o cuidado da casa têm alcançado níveis ótimos se não obsessivos, que baixaram significativamente as taxas de mobilidade e de mortalidade infantil relativamente a quando se vivia em promiscuidade e, também, em companhia de animais. Tal higiene é fruto da educação, mas é também objetivo das políticas urbanas e familiares que, em todos os Países, deveriam favorecer a criação de cidades e espaços *familyfriendly*, à medida das famílias.

- A **compreensão afetiva** não é valorizada do mesmo modo em todos os lugares. O casal pré-moderno em grande parte era “combinado” pelos interesses dos pais, pelo cálculo dos dotes, pelas funções de trabalho. O respeito pela vontade e pelas escolhas afetivas dos esposos é uma conquista relativamente recente – e não ainda universalmente realizada – que promove a personalização dos relacionamentos: formar uma família é um ato de amor e de livre escolha, não um fato em função da riqueza, do poder político e religioso.

- Sempre levando em conta as desigualdades de classe, de culturas e políticas, a **difusão da instrução** vai derrotando os problemas do analfabetismo e da ignorância. O matrimônio ganha com isso. Uma eficiente contribuição neste sentido é

dada pela Igreja que promove a formação dos noivos. A sociedade civil e o Estado subestimam esta tarefa formativa, que, ao invés, seria fundamental para reduzir os conflitos e os divórcios, com suas consequências sobre o equilíbrio psicológico dos cônjuges e dos filhos, sobre o trabalho, sobre a economia.

- Lá onde prevalece a estrutura hierárquica da família são atribuídas responsabilidades e distribuídas tarefas de maneira desigual, sob a autoridade do chefe da família, para tolerar a transformação dos relacionamentos em opressão e da casa em prisão. Hoje a **amizade conjugal** e o franco relacionamento com os filhos favorecem uma melhor qualidade de convivência. Seria ingênuo pensar que a recusa da hierarquia e o respeito formal pelas diferenças se traduzam automaticamente em harmonia familiar: hoje como ontem, nas sociedades mais ou menos desenvolvidas cabe a cada pessoa a tarefa de afinar da melhor maneira possível o respeito e o amor, as diferenças e a unidade.

- O **trabalho feminino** é um argumento controverso. É verdade que muitos trabalhos resultam em verdadeira exploração das mulheres e que muitas vezes trata-se de um indireto constrangimento por necessidade, mas é também verdade que o trabalho tem dado às mulheres o senso de cidadania, o gosto pelo pagamento, maior instrução, atualização, participação. Criaram-se as condições para um diálogo mais profundo e paritário entre marido e mulher e com os filhos. Sobre a conciliação das duas frentes de atividades humanas: família e trabalho, entram em jogo as políticas familiares e os cenários da família futura.

Não faltam motivos de esperança. Não obstante os aumentos das convivências, a fragilidade dos vínculos de eventuais PACS e DICO, os divórcios e as separações, hoje estamos mais conscientes do que anteriormente de que a vida e o bem-estar das Nações depende do 'bem-estar' das famílias capazes de promover um "humanismo familiar".

EM BUSCA: *A sua imagem*

A ideologia de gênero

Paolo Ondarsa

paolo.ondarsa@gmail.com

Um desafio que somos chamados a acolher? Uma emergência educativa a ser enfrentada, mas como? Uma ameaça à capacidade do estado social e uma potencial causa de desagregação da família natural fundada na união entre um homem e uma mulher? Fala-se tanto de gênero, é correto defini-lo como uma ideologia?

Qual é a questão?

É bom moderar os tons do debate, às vezes excitados, entre quem vê nele um pesadelo e quem até mesmo lhe nega a existência. Não se pode ignorar que nos encontramos diante de uma questão problemática que, se enfrentada com honestidade e na verdade, pode constituir um estímulo precioso à construção de um futuro realmente respeitoso das diferenças e que valorize a complementaridade homem-

mulher, fundamental para uma sociedade igualitária e evoluída.

É preciso reconhecer as evidentes repercussões desta teoria em âmbito social, jurídico, pedagógico e, em sentido mais lato, antropológico: animada pelo desejo de favorecer a igualdade de oportunidades e contrastar o sexismo, ela arrisca redesenhar o rosto do humano, substituindo as categorias macho-fêmea, específicas da ordem natural, por novas definições de

pessoa que visam a reinventar o seu conceito.

Precedentes históricos da ideologia de gênero, segundo estudiosos como Tony Anatrella, consultor do Pontifício Conselho para a Família, são individuados: a) na luta de classe que segundo Marx e Enges (1882) teve origem a partir da libertação da mulher contra a opressão do homem; b) no “costrutivismo”, teorizado em 1950 pelo filósofo Michel Foucault que via no ser humano, nos conceitos de masculinidade e feminilidade, um resultado da cultura; c) no feminismo radical que caracterizava a emancipação da mulher na sua libertação do papel de mãe; d) na quarta conferência mundial das Nações Unidas sobre a mulher, realizada em Pequim em 1995 durante a qual, na ótica de uma negação do conceito de determinismo biológico, o termo gênero é promovido em nível internacional. Rejeitada a identificação do sexo biológico com o gênero sexual de pertença, a ideologia de gênero reivindica o direito de cada um configurar a própria identidade, a ser desconsiderada como dada pela natureza: isto nas declaradas intenções dos promotores tem como objetivo a libertação dos “estereótipos culturais” que no passado determinaram com frequência a prepotência do homem sobre a mulher. Nesta perspectiva, masculino e feminino, são concebidos como construções sociais induzidas pela cultura e somente a eliminação das diferenças poderá favorecer a autêntica liberdade.

São as mulheres e as pessoas com tendência homossexual a serem realmente tuteladas?

As associações Lgbt (sigla com que se indica o universo de lésbicas, gay, bissexual e transexual) pedem o reconhecimento do direito à autodeterminação sexual de cada indivíduo: em outras palavras deseja-se uma reformulação de base culturalista (onde a cultura suplante o dado de natureza) dos conceitos de homem, mulher, paternidade, maternidade e família. Uma semelhante visão do mundo colide com o modo de sentir comum à grande maioria das pessoas, porque contradiz aquela lei que a humanidade sempre reconheceu como lei natural que precede os códigos normativos das várias civilizações. A Ideologia de gênero é acusada de basicamente ter grandes interesses econômicos: Mario

Adinolfi, diretor do cotidiano “A Cruz” e autor do livro “*Quero a mãe: da esquerda contra os falsos mitos do progresso*”, dá exemplo da indústria da fecundação medicalmente assistida, do útero de aluguel ou do aborto; sem levar em conta o significativo volume de negócios – o “pink dollars” – que, conforme a famosa revista financeira *Forbes*, giraria em torno dos expoentes da comunidade Lgbt, ‘singles’ mais propensos ao consumo em comparação com as famílias mais dedicadas à economia. O comitê “Defendamos os nossos filhos” que no dia 20 de junho de 2015 reuniu na Praça São João de Latrão centenas de milhares de famílias, sustenta que a ideologia de gênero exprime uma posição minoritária, mas goza do apoio da mídia, de grandes multinacionais, de políticos e consegue assim ser sustentada em nível cultural e legislativo.

Implicações educacionais

Se no sentir comum o sexo e o gênero formam um todo, a *ideologia de gênero* propõe uma subdivisão, sobre o plano teórico conceitual entre estes dois aspectos em continuidade com o que foi teorizado nas décadas passadas por John Money, Judith Butler, Simone de Beauvoir e Alfred Kinsey. O sexo, *sex*, é utilizado para indicar a herança genética, o conjunto dos caracteres biológicos, físicos e anatômicos que determinam o binário masculino/feminino, enquanto ao gênero, *gender*, é atribuído um significado social: ele se modela por meio das interações sociais, a percepção que temos de nós mesmos e o ambiente cultural. Consequência disso é que em base às próprias atrações sexuais deve ser reconhecido a cada um o direito de escolher a qual dos vários gêneros pertencer (masculino, feminino, homossexual, bissexual, transexual, cisgênero, em exploração, genderqueer, pangender, etc.). Um primeiro problema pedagógico que se apresenta é a imprecisão do modelo de identidade pessoal e familiar a ser indicado aos jovens. No código civil de alguns países, por exemplo, hoje não se fala mais de “pai” e “mãe, mas de “genitores legais A” e “genitores legais B” (não de genitores naturais) ou nos documentos de identidade nacionais, como a Austrália, ao lado dos quadrinhos que indicam “masculino” e “feminino”, existe uma terceira opção: o neutro, o indeterminado. Além disso está tomando corpo a ideia de que a

autodeterminação sexual em base à “auto percepção” deve ser reconhecida como direito a qualquer pessoa que faça o pedido também na ausência de uma intervenção de cirurgia plástica feita para modificar os órgãos genitais e a caracterização sexual. Surge portanto o segundo problema pedagógico: o corpo sexuado é instrumento de auto-identificação ou é um apêndice provisório e indecifrável, porque privado de um significado simbólico e relacional? Em tal visão esta é uma realidade plasmável e não recebida como dom, mas um veículo de gratificação. O terceiro problema diz respeito à necessidade: se realmente se deseja construir uma estratégia para combater os estereótipos de gênero, por exemplo, contrastar a difusão da praga da pornografia, rica indústria ao alcance dos *tablet* ou *smartphone* que, além de estimular a prepotência do masculino sobre o feminino, destrói psicologicamente os homens e enfatiza comportamentos sexuais violentos.

Remoção da diferença: problema ou solução?

Se o objetivo declarado da ideologia de gênero é a emancipação, a libertação dos papéis e das diferenças que a sociedade impõe para, enfim, alcançar direitos iguais e igualdade, a legítima e saudável aspiração à mesma dignidade de todos diante da lei, significa realmente anular as diferenças? É este o caminho para derrotar a discriminação?

O Papa Francisco, em uma das audiências gerais que precederam o Sínodo ordinário sobre a família, disse: «Eu me pergunto, se a assim chamada teoria do gênero não é também expressão de uma frustração e de uma resignação, que visa a cancelar a diferença sexual porque não sabe mais confrontar-se com ela».

Segundo o Santo Padre tal teoria não favorece o progresso, antes arrisca fazer dar um passo atrás, à humanidade.

«A remoção da diferença é o problema, não a solução (Papa Francisco)

Não se deseja ignorar a questão das oportunidades iguais, pelo contrário: o Papa deseja um aumento da reflexão, um alargamento dos horizontes do problema. Não se trata simplesmente de equiparar o homem à mulher, mas de valorizar a sua aliança e complementaridade. Se esta falir “o

mundo dos afetos seca e o céu da esperança se escurece”.

O Papa Francisco disse aos Intelectuais de “não abandonar este tema, como se ele tivesse se tornado secundário, pelo compromisso em favor de uma sociedade mais livre e mais justa”; aos homens de fé explicou como “a crise coletiva da confiança em Deus” que caracteriza as sociedades ocidentais hodiernas “doentes de resignação, incredulidade e cinismo”, está ligada à crise da aliança entre o homem e a mulher; aos formadores pediu um renovado empenho na educação do masculino e do feminino, insistindo na necessidade imprescindível de que uma criança cresça com um pai e uma mãe.

O Papa, dirigindo-se à Delegação do Ofício Internacional da Infância *Bice* em abril de 2014, definiu como premissa, para uma maturidade afetiva da pessoa, o crescimento em família em confronto com a masculinidade e a feminilidade. «Ocorre sustentar com força o “direito dos pais à educação moral e religiosa dos próprios filhos”, sancionado pelo artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Francisco não hesita em comparar as escolas no mundo em que foi introduzido, sem o conhecimento dos pais, um programa de educação à afetividade baseado na ideologia de gênero em “campos de reeducação” e diz “não” a “todo tipo de experimentação educativa com os menores: com as crianças e os jovens não se pode experimentar. Eles não são ratos de laboratório!” Vêm em mente, ao Papa, “os horrores da manipulação educativa que vivemos nas grandes ditaduras do século XX: elas não desapareceram; conservam a sua atualidade sob vestes diversas e propostas que, com pretensão de modernidade, impelem as crianças e os jovens a caminharem na estrada ditatorial do pensamento único”.

“Trabalhar pelos direitos humanos pressupõe ter sempre viva a formação antropológica, estar bem preparados a respeito da realidade da pessoa humana, e saber responder aos problemas e aos desafios postos pelas culturas contemporâneas e pela mentalidade difundida pela mídia. Não se trata de esconder-se em ambientes protegidos, mas de enfrentar, com os valores positivos da pessoa humana, os novos desafios que a nova cultura propõe v”.

É um chamado prioritário aquele posto pela *ideologia de gênero* segundo o Papa que não por acaso, a definiu como um “erro da mente humana”, uma “colonização ideológica sobre a família agindo em todo o mundo”: colonização das consciências e colonização dos países pobres.

Não está em discussão o respeito à dignidade de todas as pessoas, portanto também daquelas com tendências homossexuais, muitas vezes injustamente discriminadas.

O que é pedido hoje aos educadores, aos políticos e aos cidadãos é uma construtiva objeção de consciência contra a ditadura do pensamento único: ditadura que, por meio da mídia, amplificou e instrumentalizou o “quem sou eu para julgar um gay?”, pronunciado pelo Papa em coerente continuidade com o Catecismo da Igreja Católica, obscurecido e colocado em surdina com suas fortes denúncias de colonização ideológica.

EM BUSCA *Focus*

Um encorajamento à conversão ecológica

Yvonne Reungoat

yreungoat@cgfma-org

Durante o Capítulo Geral XXIII, identificamos, na terceira escolha de conversão pastoral, a linha de ação: *“Concretizar a conversão ecológica nas comunidades e nas propostas educativo-pastorais, de modo a reencontrar o gosto pela beleza da Criação e o estupor diante de suas maravilhas; maturar a capacidade crítica para perceber as injustiças presentes num modelo de desenvolvimento que não respeita as pessoas e o ambiente; adotar um estilo de vida sóbrio e respeitoso no uso dos recursos naturais, também como responsabilidade para com as futuras gerações e solidariedade para com os menos favorecidos”* (Atos do CG XXIII, p. 54) (Atti CG XXIII, p. 54).

Os Atos do 23º CG são um Documento capitular que tem por título **“ALARGAI O OLHAR”** e por subtítulo: **“Com os jovens, missionários de alegria e de esperança”**.

A nos orientar na escolha foram uma sensibilidade difusa que bem emergia dentre as capitulares, e a consciência de que nós nos encontramos num ponto de não retorno em nossa relação com a Criação: *ou aprendemos a respeitá-la e protegê-la ou deixará de ser uma casa acolhedora, aliás, isso já está em execução*. É uma sensibilidade que nas Comunidades, na sociedade, nas famílias é sentida especialmente pelas pessoas mais atentas e com olhar aberto à realidade que, porém,

nem sempre é capaz de colher as consequências operativas do que constata, não chega a se convencer da necessidade de mudar de estilo de vida.

A publicação da Encíclica do Papa Francisco *Laudato si*, em 24 de maio de 2015, *ofereceu-nos muito material para aprofundar e concretizar tudo o que havíamos intuído e sugerido ao Instituto inteiro*.

O Papa, depois de haver ilustrado vários elementos que permitem compreender melhor a questão ecológica e suas consequências do ponto de vista científico (nn. 17-61), passa a uma leitura teológica percorrendo sobre a relação entre o homem e os outros seres, à interpretação do comando

recebido no jardim do Éden (nn. 62-100), muitas vezes, falsamente interpretado como uma posse despótica que pode fazer de todos os seres aquilo que quer sem preocupar-se com as consequências. Explica Francisco: “É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma correta hermenêutica, e lembrar que eles nos convidam a «cultivar e guardar» o jardim do mundo (Gn 2,15).

«Cultivar» significa lavrar ou trabalhar um terreno, «guardar» significa proteger, cuidar, preservar, conservar, vigiar” (Laudato, 67).

Mudar a perspectiva na qual nos colocamos diante da realidade requer um percurso educativo, tanto mais complexo e exigente quanto mais a vida cotidiana nos faz acreditar que somos donos absolutos do mundo material, pelo simples fato de que somos capazes de manipulá-lo segundo os nossos interesses; que podemos realizar qualquer ato pelo simples fato de que somos capazes, graças aos progressos da ciência e da técnica, mas desvinculando nossas escolhas de qualquer implicação ética ou moral (nn. 101-136).

A linha de ação nos dá algumas indicações práticas acerca dos aspectos a serem cuidados na educação ecológica que nesta chave é, contemporaneamente, educação integral porque toca todas as faculdades da pessoa em formação: estética (gosto pela beleza e admiração), intelectual (capacidade crítica), ética (perceber as injustiças e adotar um estilo de vida), científica (uso e responsabilidade diante dos recursos naturais), social (responsabilidade diante dos pósteros e dos menos afortunados).

Para refletir os dois capítulos da Encíclica: o 4º capítulo, em que se explica o conceito de ecologia integral, aberta a todos os âmbitos da vida humana e superando o risco de uma interpretação restritiva, ligada simplesmente ao uso sustentável dos recursos naturais; o 6º capítulo, no qual se trata explicitamente de educação e espiritualidade.

São estes os aspectos sobre os quais refletir e procurar caminhos concretos para educar os jovens e as jovens ao respeito e ao amor pela criação. De fato, somente se assumirmos um novo estilo de vida aberto à comunhão com outros seres humanos e com toda a criação, será possível deter o avanço da destruição que está ferindo o nosso Planeta e as relações entre as pessoas, recuperar o sentido da vida em comunhão com todos os seres e, em particular, com os nossos semelhantes.

O Papa evidencia como uma cultura fortemente individualista e egocêntrica, muitas vezes privada de valores de referência, como a que domina no nosso mundo ocidental, e não só, esteja na raiz da necessidade compulsiva de ter sempre mais, de consumir sempre mais, deixando insatisfeitos e depressivos.

Não é uma novidade para ninguém a constatação de que existe muita infelicidade também no mundo juvenil que, mesmo “saciados” de bens, são “famintos” de sentido. A “vida imprudente” tornou-se muito mais do que um slogan, faz vítimas cotidianas, também entre os mais jovens, e quer ser um modo de amortizar as perguntas mais profundas: *por que estou no mundo, que sentido tem a minha vida, o que pode preenchê-la verdadeiramente?*

Certamente, cada um/uma de vocês, enquanto lê, vê desfilar diante dos próprios olhos rostos de jovens conhecidos e se pergunta o que fazer para ajudá-los a descobrir horizontes mais vastos, esperanças confiáveis, a saborear a alegria de viver, a gozar da natureza, da amizade, da cultura, da arte.

É um desafio que não podemos negligenciar ou fingir não perceber: faz parte da preventividade uma educação ao positivo, ao belo, ao serviço, à harmonia nos relacionamentos, ao respeito pelos outros seres humanos e, por todas as criaturas em geral. Faz parte da nossa missão, restituir às novas gerações a possibilidade de viver em harmonia com Deus, consigo, com os outros, com a natureza, na condição para a qual o Criador havia feito o homem.

Ser com os jovens casa que evangeliza, no cuidado da “casa comum”.

Nós nos lamentamos porque o belo, o natural e o artístico, vêm sendo deturpados e os jovens são particularmente sensíveis a estas dimensões.

É apelo aos educadores e às educadoras para que os ajudem a desenvolver sempre mais o senso da fraternidade universal, da responsabilidade para consigo mesmo e com os outros, para com os contemporâneos e com aqueles que virão depois. Um mundo “feio”, sujo, em compartimentos estanques, cheio de “muros” feitos de tijolos ou de preconceitos, não é acolhedor e não se tornará tal se não arregaçarmos as mangas para edificar um mundo novo: belo, limpo, intercomunicador, aberto ao diferente, acolhedor.

Estas considerações são um chamado a refletir, nas comunidades educativas, sobre a situação, mundial e local, da ecologia integral e a procurar caminhos educativos eficazes, para que todos os que têm postos de liderança em nossas obras possam ser acompanhados rumo a uma nova sensibilidade, rumo a um novo estilo de vida.

Juntamente com todos os que advertem a necessidade de transformar a realidade, estamos promovendo caminhos envolventes, que conduzam todos ao respeito pela natureza, ao consumo consciente e responsável, ao trabalho pela justiça, a fim de restituir alguma coisa do Éden à família humana do nosso tempo.

A voz dos jovens

Jovens, estudo e trabalho

Gabriella Imperatore – Emilia Di Massimo

gimperatore@cgfma.org - emiliadi Massimo@libero.it

Explorar o mundo juvenil para poder compreendê-lo por meio do confronto direto e escutando as vozes dos protagonistas. Aproximar-se da realidade dos jovens sob outra ótica: conhecê-los a partir de dentro, ler para além das aparências o que eles veem, vivem e são!

Voz dos jovens é uma metáfora para olhar o mundo por meio dos olhos dos jovens, dar densidade ao que vivem interiormente, com os amigos, em família, no trabalho, na faculdade, nos diversos ambientes sociais e no seu espaço privado. Uma viagem para dentro da cultura juvenil, com os seus lugares virtuais e reais, com as imagens dos jovens de hoje. Uma rubrica que deseja olhar com maior paixão para a vida dos jovens amando suas mil facetas e nuances.

A escuta dos jovens

Uma condição prévia, para escutar o coração dos jovens, é acreditar neles, nas suas potencialidades, naquele “ponto acessível ao bem” válido e verdadeiro para

cada geração. Escutar sem defesa, dar um passo atrás para acolhê-lo, na certeza de que a partir da escuta nascem novos atalhos educativos a serem percorridos, sempre. Olhar e escutar os jovens, deixando-lhes espaço, equivale também tecer um diálogo intergeracional no qual aos adultos é reservada a tarefa de dar o primeiro passo, o da escuta desinteressada, do “tempo perdido” para falar de vida e de tudo aquilo que pulsa no coração dos jovens. Para falar dos jovens ocorre primeiro conhecê-los, mas não unicamente através da mídia, mas face a face. Somente assim pode-se ajudar os jovens a se fazerem perguntas de sentido: sobre a dor, a morte, o futuro, o amor, Deus, a fé, o medo...

Onde está a felicidade? E eu posso ser feliz?

Estudantes trabalhadores

Não renunciamos ao estudo mesmo tendo encontrado um trabalho. Um grupo de particular interesse por vários motivos: porque com a crise econômica estes jovens mesmo tendo encontrado um trabalho não renunciam ao estudo, para melhorar, seja como for, as próprias perspectivas de futuro. Porque, mesmo estudando, decidiram começar a confrontar-se já com o mundo do trabalho. Uma escolha meritória, a de procurar durante os estudos permanecer total ou parcialmente sozinhos, muito mais numa sociedade que apresenta as mais altas taxas de dependência econômica dos jovens, de seus pais, no mundo desenvolvido. Uma escolha ditada nem sempre e apenas pela necessidade, mas estimulada também pelo desejo de autonomia e por um senso de responsabilidade. Mas, que se choca com as dificuldades para conciliar estes dois compromissos: estudo e trabalho. Marta, jovem universitária, deu um pouco do seu tempo para fazer-nos o presente do empenho de saber conjugar estudo e trabalho.

Testemunho: Custodiar

«Sou Marta, tenho 24 anos. Depois de ter conseguido, em julho de 2013, o diploma trienal em Letras Clássicas na Universidade La Sapienza, de Roma, inscrevi-me na Faculdade de Ciências da Formação, da Universidade de Roma, Três em Roma.

O primeiro trabalho foi ajudar jovens da Escola Média a desenvolverem as tarefas 'de casa'. Acompanhei, em particular, uma jovem duas vezes por semana, ganhando dez euros por hora.

Para além do interesse econômico, foi significativa a experiência amadurecida na relação com os adolescentes com os quais eu me sentia a irmã mais velha que acompanha e orienta para o bem.

Depois desta experiência desenvolvi o trabalho de babysitter. Não tinha muita experiência com as crianças, mas comecei esta nova aventura, no início de maneira, talvez um pouco ingênua, mas prosseguindo por um caminho sempre mais consciente. Acompanhei o pequeno Henrique desde quando balbuciou as primeiras palavras, deu os primeiros passos, e depois as papinhas, os banhos... Entendi, graças ao trabalho, que aquele era o caminho certo para mim: ocupar-me das crianças. Assim, uma vez formada retomei os estudos desde o começo. É certo que não foi muito fácil, nem durante o período das Letras nem sucessivamente, porque o meu trabalho com

Henrique continuava, já havia me tornado para ele uma figura fundamental e, a partir do momento em que a mãe saía para o trabalho ocupava-me dele mesmo quando ia para a creche. Eu ia buscá-lo todas as tardes e passava com ele a jornada, preparava a merenda e brincava com ele. Muitas vezes acontecia precisar ocupar-me também do jantar, ou de levá-lo para dormir. Foi se tornando um trabalho quase em tempo pleno e, devendo durante a manhã, fazer as lições da faculdade, aos poucos tornou-se um problema organizar-me. Fiz a escolha de não frequentar os cursos e de fazer somente os exames, já havia entendido que aquela era a minha vocação e, também, fui me afeiçoando àquela criança que havia ajudado a crescer, e recebia um bom salário mesmo se "a nero" (sem contrato de trabalho).

Com o meu salário, mesmo com as devidas renúncias e esforços, consegui sistematizar muitas coisas (a taxa para o carro, a parcela para a faculdade, as despesas pessoais...) e consegui também guardar algum dinheirinho.

Durante um certo tempo o meu trabalho realmente se triplicou: uma amiga da mãe de Henrique, havia me perguntado se estava disponível como babysitter à sua menina, duas vezes por semana à noite (incluindo uma hora aos domingos!). Certamente seria duro, como depois pude verificar, porque trabalhar também aos domingos era muito cansativo e meus estudos se ressentiram um pouco por um tempo: afrouxei a preparação dos exames, mas não o rendimento, que foi sempre ótimo. Não foi nada fácil.

Não me lamento daquilo que vivi, porque o dia em que me decidi trabalhar com as crianças foi para mim um banco de testes, e agora que me encontro desenvolvendo o tirocínio numa creche posso constatar o quanto aquela experiência, amadurecida como babysitter, me ajudou.



Também em nível pessoal aquele trabalho permitiu-me descobrir um lado meu que não conhecia e, sobretudo, deu-me possibilidade de crescer e de me tornar a jovem responsável e

madura que agora sou. As pessoas que encontrei marcaram positivamente a minha vida, não obstante tudo. Estou certa de que me facilitará o ingresso no mundo do trabalho!».

Habitar a cidade

Percorrer estradas

Anna Rita Cristaino

annarita.cristaino@gmail.com

A rubrica, *Habitar a cidade* quer ser um convite a olhar para as nossas cidades para os nossos centros habitados, como o espaço onde, a cada dia, se lê a passagem de Deus e se coloca à escuta do seu diálogo ininterrupto com a humanidade.

Para nós, habitar a cidade, quer dizer, de fato, estar lá onde os homens e as mulheres moram, é permanecer ao lado do coração pulsante da vida da humanidade. Habitar é estar em meio ao povo e respirar suas preocupações e suas dores e abraçar seus sonhos e desejos. Habitar é também ocupar um espaço. É viver e habitar nas relações preenchendo espaços inteiros de solidão. Estar na cidade é também percorrer estradas, atravessar pontes, custodiar espaços verdes, sem deixar-se intimidar por quem, em vez disso, constrói muros sempre mais altos para demarcar limites e divisões.

Percorrer estradas

Nas miríades de diversidades que se podem descortinar nas cidades em que habitamos, somos desafiados a percorrer estradas com dois sentidos de marcha, para tecer um diálogo que compreenda o nosso ser, as nossas identidades, os nossos sonhos para o futuro, o nosso entender o bem comum, o nosso querer construí-lo juntos.

O Papa Francisco frequentemente utiliza metáforas que remetem à cidade! Convida-nos a olhar para as periferias com um olhar e com uma ótica inclusiva. Periferias reais, lugares onde sempre com maior frequência a gente do povo pode ser isolada em guetos, mas também periferias existenciais onde se encontram tantas vítimas da marginalização e do abandono. Ir para as periferias, percorrer estradas que nos “descentrallizam” é um convite a habitar a precariedade da existência de tantos homens e mulheres do nosso tempo, achegando-nos às suas feridas, com a consciência de que a mesma fragilidade nos habita, convencidos de que poderemos tornar as nossas vidas uma obra-prima apenas aceitando sua provisoriedade e seu limite.

Caminhar pelas estradas e pelas ruas das nossas cidades e aldeias, permite-nos olhar o mundo que nos circunda sob uma ótica precisa. Torna-nos próximos daquele pedacinho de terra que somos chamados a habitar. Atravessar o bairro, ficar nas praças, gozar do panorama, podem ser todas as metáforas da nossa postura diante do mundo e de quem o habita: ir ao encontro do outro, misturar-se com a humanidade que sofre cada vez mais a solidão do “não estar lá”, compartilhar e trabalhar juntos pelo bem comum e por um desenvolvimento sustentável.

Percorrer estradas nos dá a possibilidade de abrir-nos aos outros, de colocar em prática ações benéficas. Ações nas quais procurar amar em cada ocasião, como Deus ama.

Que estradas tomar?

Um primeiro caminho necessário é o da consciência de onde se está e com quem se está. Frequentemente supomos conhecer o nosso bairro ou a nossa cidade, porque sempre vivemos ali, mas nem sempre isto nos tem ajudado a discernir as mudanças. Chegare m famílias e jovens de outros

lugares do mundo, enquanto alguns daqueles que moravam perto de nós escolheram outros bairros ou outras cidades. Também a paisagem mudou. Os campos verdes, os prados, encheram-se de palacetes, ou casas, ou de estruturas de vários tipos. As escolas, os centros comerciais, os restaurantes, as lojas, os bares, tudo muda. E quem continua a viver ali percebe que poderia por sua vez ter mudado sem tomar consciência disso, ou não se ter deixado tocar pela mudança.

Identificar-se

Habitar a cidade é imergir-se na realidade com seus problemas – pobres, marginalizados, necessitados – e com suas potencialidades de bem. É também o caminho da cotidianidade que como salesianas nos pertence.

A história concreta não é apenas um lugar sociológico, mas é um lugar teológico que não se escolhe, assume-se, reconhece-se como lugar de fé não secundário. A nossa cotidianidade é habitada pela iniciativa do Espírito Santo.

Tornar a partir das emoções, com todos os sentidos de que somos poartadores, da beleza, da matéria, da luz natural, do ar; sentir, escutar os sons, as sensações nos permite ouvir a “pulsção” da cidade e da humanidade que diariamente escolhe dizer sim à vida. Por isso seria belo aprender a escutar os lugares e as pessoas, imprimindo um ritmo correto ao nosso tempo, muitas vezes a inútil velocidade, não dá chance à escuta, considerada uma perda de tempo.

Os nossos passos caminham numa estrada, mas o nosso coração bate no mundo inteiro.



Percorrer estradas, porque o desafio é, para todos, o de articular verdade e alteridade no sentido da comunhão, da escuta e do encontro, não da exclusão, da arrogância, e da auto-suficiência. Tudo isso nos leva a repensar nas categorias da cidadania, de ser estrangeiros, da hospitalidade, para encontrar o sentido da convivência civil, para socializar o sonho que cada um tem sobre o futuro das nossas sociedades, para procurar a quallidade certa de nossa vida e da vida das gerações futuras.

Viver no coração da cidade para estar no coração de Deus

Inspirando-no no que dizia Madeleine Delbrel, que da estrada havia feito o seu campo de missão, poderíamos também nós dizer que em cada curva da estrada existem pequenas guerras, como em cada curva do mundo há grandes guerras e que escolher estar em guerra ou em paz depende de nós. «Nós, gente da estrada – dizia a religiosa francesa – cremos com todas as nossas forças que esta estrada, este mundo em que Deus nos colocou é para nós o lugar da nossa santidade. Cremos que nada de necessário nos falte, porque se este necessário nos faltasse, Deus já no-lo teria dado!».

“As nossas cidades tornaram-se desertificadas por falta de amor, por falta de sorrisos. Tantos divertimentos, tantas coisas para perder tempo, para fazer rir, mas falta o amor. O sorriso de uma família é capaz de vencer esta desertificação das nossas cidades. E esta é a vitória do amor da família. Nenhuma engenharia econômica ou política é capaz de substituir esta contribuição das famílias” (Papa Francisco na audiência, na Praça de São Pedro, em 9 de fevereiro de 2015).

Questão de imagem, questão de palavras

Maria Antonia Chinello

mac@cgfma.org

Não existem palavras erradas. Existe um uso errado das palavras. (www.parlarecivile.it)

Uma foto abala o mundo

Com que critérios se escolhem as imagens para fazer a informação? Com que técnicas as fotografias e os vídeos são propostos ao público? Dramatizantes, descritivas, estereotipadas?

A morte deve ser mostrada ou arrisca-se fazer dela um espetáculo? E se o morto for uma criança? A morte pode ser mostrada sem ser banalizada, ou é sempre melhor apenas evocá-la?

A foto de Aylan, o pequeno que encontrou a morte nas praias da Turquia, girou pelo mundo e fez o mundo discutir. A partir das redações da mídia.

Um jornal holandês, publicando-a, declarou que «esta foto nua e crua rompeu as barreiras, mudou o curso da história». Para um redator de *Vida*, uma revista italiana dedicada ao relato social, a foto «causa impacto à consciência mas, a esta altura dos acontecimentos, serve como último alarme e baluarte para humanizar e sobretudo obrigar os políticos europeus a agirem com decisão».

Permanecer humanos, esta é a questão.

Nestes anos, a presumida “invasão” da Europa, as “ondas” de imigrantes são acompanhadas por uma miscelânea de palavras e imagens frequentemente superficiais, violentas, utilizadas com escasso cuidado e com clara intenção de alarmar: «As imagens, muito mais do que as palavras, criam etiquetas e generalizações sobre fenômenos sociais complexos que envolvem as faixas mais frágeis ou minoritárias da população. Ou, ao contrário, a força de um clique e de uma cena tornam-se um “símbolo” que ajuda a fixar um momento, uma história, por longo tempo no imaginário coletivo. Servem competências diversas

(jornalísticas, fotográficas, antropológicas e sociológicas) para tentar desconstruir alguns típicos clichês produzidos pela mídia».

As “armadilhas” da mídia

Considerando-se apenas o horizonte italiano, depois dos fatos de Paris, a mídia caiu na armadilha da simplificação, banalização, deformação e distorsão dos fatos. Alguns exemplos.

- Os títulos sobre o “massacre islâmico”, sobre o “terrorista refugiado”, a violência dos autores dos atentados associada ao Islã inteiro, demonstraram a mais grave generalização e retórica anti-muçulmana.

Existem regras profissionais para quem faz a informação. Na Itália, a *Carta de Roma*, assinada em 2008, não é um manifesto para jornalistas bons, mas um código que vale para todos os operadores da informação. Este código deontológico tem por escopo fornecer aos jornalistas linhas orientadoras que facilitem uma informação equilibrada e exhaustiva sobre os que pedem asilo, os refugiados, as vítimas do tráfico e os migrantes. O convite é para “adotar termos juridicamente apropriados”, “evitar a difusão de informações imprecisas, sumárias, ou distorcidas” e “comportamentos superficiais e não corretos, que possam suscitar alarmes injustificados”.

- “Os imigrantes nos barcos” é o clássico exemplo de arrastamento da notícia: dos atentados à imigração ao risco da segurança. Quem há tempo sustentava que os terroristas teriam chegado de barco, encontrou confirmação imediata. A atualização rápida, a corrida para não “furar” a notícia, levou alguns meios de comunicação a aproximações, a não verificarem as fontes, a não contextualizarem a informação. Uma

exigência do jornalismo, a rapidez, deve conciliar-se com a verdade.

- “Os inimigos em casa”, isto é, aqueles jovens de segunda e terceira geração, facilmente presa de proselitismo, criados nos subúrbios, nas mesquitas, nas periferias esquecidas... Não faz notícia a normalidade de todos os dias; quem existe e resiste no respeito e na coragem de construir um viver comum passa em segundo plano. As pessoas não nascem boas ou más, mas são condicionadas pela forma como vivem, pela escola e pelas oportunidades que têm ou que não lhes são asseguradas, pelos caminhos de integração não encontrados no devido tempo.

A “agenda” da mídia

É evidente que a aliança entre poder e meios de comunicação social é capaz de criar uma agenda cotidiana de fatos e opiniões. Desde a seleção e apresentação de notícias, a mídia modela a realidade social. Ela tem a capacidade de estruturar os nossos pensamentos e de levar-nos a uma mudança cognitiva. Ordenam e organizam o mundo para nós, induzindo-nos a prestar atenção em certos eventos mais do que em outros.

Segundo o “Redator Social”, «a informação é sempre mais heterodireta. A seleção do que publicar não se deve apenas às redações jornalísticas, mas também a outros fatores. Por exemplo, aquilo que é mais procurado no *Google*; ou aquilo que é mais compartilhado no *Facebook*. São os motores que geram a pesquisa, e as redes sociais são agora a principal fatia do tráfico para sites de notícias».

Neste cenário, restringe-se a variedade de argumentos que os meios de comunicação social escolhem tratar: «Prevalece o que emociona, desde que o faça rapidamente». Pagam o preço «as coisas difíceis, complexas, aquelas que entristecem ou fazem pensar e questionar-se, as histórias mais fracas porque não têm nenhum estímulo acessório além do fato de merecerem ser relatadas».

O jornalismo é obrigado a encontrar, assim que possível, formas inéditas para relatar diariamente a história dos homens, salvaguardando, para todos, a informação de qualidade e tornando esta profissão

novamente sustentável e autônoma nas suas escolhas.

No princípio está a dúvida

Nas nossas comunidades as fontes de informação aumentaram. Temos a impressão de sermos mais informadas, mas isso é verdade apenas a respeito da quantidade de notícias. A arte de informar-se não é tranquila e relaxante. É um processo cansativo e inquietante que nos faz buscar as notícias que se aproximem o mais possível à objetividade dos fatos.

O *Gong 3, Para uma informação de qualidade*, publicado pelo Âmbito para a Comunicação Social, fornecia algumas linhas para a informação e a visão em comunidade: qualidade, alternativa, social, denúncia e crítica; que se interrogue sobre os grandes eventos; que vá além da não-notícia, capaz de levar ao confronto, ao diálogo, à dialética.

Quais são as fontes da informação pessoal e comunitária? Não podemos contentar-nos apenas com aquilo que é conforme à nossa opinião, que nos confirma, assegura sobre a orientação. É necessário também confrontar-nos com as outras opiniões. Não é dito que todos os cotidianos, os periódicos devam entrar nas nossas casas, mas é bom que pelo menos esteja presente uma cabeça leiga, que nos traga o “outro” pensamento, o daquela parte da sociedade que já não pensa como nós. Trata-se de de-construir a mensagem e os seus mecanismos, para compreender a manipulação, e sobretudo para compartilhar (e oferecer) uma melhor informação.

Questão de imagem

É um projeto que une jornalismo, busca social e competência na produção de conteúdos vídeo-fotográficos. Indaga de modo orgânico sobre os mecanismos de construção do imaginário coletivo sobre as temáticas sociais em risco de discriminação, por meio da análise das fotografias e dos serviços vídeo dos principais meios de comunicação nacionais. O projeto pretende, em particular, colocar em evidência práticas discutíveis e pontos de força na seleção, na montagem e na apresentação das imagens sobre temáticas sensíveis.

A FAMÍLIA BÉLIER de Eric Lartigau – França – 2014

Mariolina Perentaler

m.perentaler@fmaitalia.iat

"Emocionante e comovente, um filme que fará você se sentir bem": assim é anunciado sobre os cartazes este novo filme de Eric Latirgau. A obra ganhou o prêmio do público 'Salamandras de ouro' no Sarlat Film Festival, em novembro de 2014, e à protagonista Louane Emera foi concedido o prêmio César como melhor atriz jovem emergente e, em 2015 o prêmio Lumier como melhor revelação feminina.

A família Bélier, a surdez em comédia

Entre os poucos filmes dedicados aos surdos ('Ana dos milagres', 'Filhos de um deus menor', 'No país dos surdos'), nenhum ainda havia tentado a comédia. Lartigau escolhe fazê-lo inspirando-se no livro de Véronique Poulain "Uma sensação diferente", com título original "Les Mots qu'on ne me dit pas". É o romance autobiográfico de estreia da autora que na capa traz este eloquente inciso: "Os meus pais são surdos. Surdo-mudos. Eu não. Eu sou bilíngue, em mim convivem duas culturas". Lartigau elabora uma comédia brilhante, delicada nos sentimentos e divertida, com alguma ênfase na sua linguagem cômica, às vezes um pouco descontraída, e uma lição seu e muita dignidade. «Olá, filhos de excluídos! Eis como saúdo os meus pais quando vou para casa. Os meus amigos não me acreditam quando lhes digo que são surdos. Mas eu lhes demonstro que digo a verdade». Na passagem para o filme de Lartigau tornar-se-á Paula, a filha adolescente dos Bélier - dezesseis anos: uma família de criadores de gado da província francesa, em que todos, mãe, pai e filho de catorze anos, são surdo-mudos. Só ela não é e ainda é dotada de uma voz encantadora que lhe poderia permitir mergulhar no mundo da música. O problema, porém, é fazer os próprios entes queridos compreenderem; eles não podem perceber o que significa ser dotados de uma qualidade que não conseguem conceber nem valorizar. Não é que os Bélier sejam egoístas e insensíveis, mas aos seus olhos a 'não normal' é Paula, que adoram. Eles a aceitaram não obstante a dor inicial ao

descobrir que era capaz de ouvir, uma reação um tanto comum entre pais surdos e filhos ouvintes. Supõem, então, que entre os deveres cotidianos de uma boa filha esteja também aquele de se fazer mediadora e intérprete nas situações de suas vidas. Também naquelas situações embaraçosas como uma visita do ginecologista por problemas venéreos ou durante uma entrevista televisiva ao pai que, apesar de seu problema candidata-se nas eleições municipais, desafiando o prefeito da cidade. Na vida de todos os dias é sempre Paula que fala com os clientes, bancos e fornecedores, que ajuda a vender os seus produtos no mercado e, em compensação, mesmo se vive numa pequena cidade onde todos se conhecem, pelo menos parece, mantém escondida a situação dos seus familiares. Não fala disso com ninguém nem mesmo com rapaz, do qual se enamora e com o professor de canto da escola, que descobre o seu talento natural e a estimula a participar de um concurso para vozes jovens, em Paris, desencadeando-lhe um profundo conflito interior entre o desejo de "levantar voo com as próprias asas" e o receio de ferir seus queridos. O script que Lartigau dirige parece às vezes indeciso sobre qual o tema que interessa evidenciar. A atenção é posta no desejo de Paula, de crescer, sobre o desenvolvimento do seu dom natural por meio da aprendizagem e da execução das faixas de um mito da canção popular francesa como Michel Sardou. O professor de canto, do coral, obriga os seus jovens alunos a aprendê-los através de um repertório que celebra o amor sem limites e a liberdade: os horizontes de sonho que acabam por falar ao coração de Paula. Como irá terminar? É precisamente no final que o

filme mostra o seu verdadeiro coração e representa magistralmente, também através da alta profissionalização dos atores, o quanto seja desconcertante para os pais surdos terem uma filha que não apenas ouve e fala, mas pretende deixá-los para cultivar a arte do canto.

Paula prepara-se para o desapego. E o aspecto bizarro é que o que vai levá-la para longe da família é exatamente aquela voz que os seus entes queridos não podem nem ouvir nem compreender.

«O que me interessava – explica Lartigau – era antes de tudo o tema da partida, da separação vivida como uma laceração. É possível deixar-se com doçura? É possível amar-se profundamente sem viver em simbiose? Como deixar para cada um o seu espaço de liberdade? O que acontece com o nosso olhar sobre o outro quando ele cresce e evolui? O fato de amar-nos muito não quer dizer necessariamente que nos amemos bem».

Numa família, o que ajuda a construir, o que serve para ir adiante, o que pode nos sufocar?

A família Bélier trabalha sobre a normalidade de ser diferentes' e, com leveza, também sobre a caricatura política (o pai surdo se candidata a prefeito), o relato sobre o trabalho agrícola e da criação de gado hoje, mas intencionalmente é cinema de formação. O diretor afirma: «O tema do filme é o menos original que se possa pensar: a família. Já foi assim nos meus dois trabalhos precedentes, *'Empresta-me a tua mão'* e *'Tiros roubados'*. Desta vez, porém, interessava-me revisitá-lo na perspectiva de um adolescente. É uma idade complexa, plena de contradições e paranoias: quem nunca teve a sensação de não ser escutado pelos próprios pais? Com maior razão aqui, que pai e mãe são surdo-mudos. Os surdo-mudos têm um espírito gregário muito forte. Quando o pai revela à filha que sua mãe queria que fosse surda também ela, porque nunca pôde suportar 'aqueles que ouvem', diz uma coisa terrível e muito

PARA FAZER PENSAR – A ideia do filme Adolescência e relatividade do diferente por meio de um romance de formação em chave irônica e sensível.

verdadeira. Em suma, este contexto particular em que cresce Paula não contribui senão para dramatizar o seu percurso, sublinhando a coragem de realizar determinadas escolhas e de superar os próprios medos».

O que é “normal para um adolescente”? Para Paula nada é normal realmente. Não é o enamorar-se. Não o é sonhar. Não o é escolher e se tornar.

**- O sonho do filme
Reconhecer, sustentar e acompanhar até a realização, os sonhos da juventude.**

O tema do crescimento dentro do macrotema da família permanece o verdadeiro eixo da obra. «A graça do relato nasce do fato de que cada momento deste diário Bélier é destacado pela importância sempre maior que assume o núcleo familiar, a sua capacidade de ficar unida, estreitamente, em torno das necessidades apresentadas pela vida de cada dia (...) Os motivos do seu grande sucesso são essencialmente dois: o primeiro, a feliz descrição de cada momento relatado como se a surdez e mudez não existissem; o segundo, as mudanças de humor ao longo dos quais acontece a passagem de Paula da adolescência à idade adulta; da tímida descoberta do seu talento 'canoro' ao desenvolvimento e conquista da própria autorrealização(...)».

A família Bélier não emociona porque é diferente, mas ao contrário porque é universal: agita-se, reprova-se e faz as pazes com todas as famílias do mundo. Não só: a felicidade de encontrar-se todos juntos como escolha livre e consciente é o melhor prêmio que leva a superar obstáculos e dificuldades.

Em tempos de crise, a comédia de Lartigau defende os valores de que Paula é portadora saudável. O seu desapego das 'origens' é apenas físico, nunca total: lírico como as palavras do *“Je vole”* de Sardou. Paula “não foge, ela voa” por espaços e tempos de prova nos quais prepara-se para a vida. Em definitivo, portanto, *A Família Bélier* é uma comédia que relata o amor. O amor como síntese daquilo que aparece somente diverso, como resposta ao conflito, como simples antídoto ao medo.

Acho que lá fora é primavera de Concita De Gregorio

Emilia Di Massimo

emiliadimassimo@libero.it

Às vezes acontece que um evento, ou um encontro inesperado, nos façam encontrar alguma coisa que nos pertence, mesmo se não tínhamos consciência de ir à sua procura. Aconteceu para a jornalista Concita De Gregorio quando encontrou Irina, a protagonista de uma dramática história que dá ao público páginas sobre o amor que se tornou autêntico pelo sofrimento.

Uma história verdadeira

“A palavra em falta: Como se chama? como se diz? quem é a pessoa da qual morreu um filho?”. A perda dos filhos torna-se o emblema de todos os sofrimentos que se podem suportar na vida, diante dos quais podemos nos descobrir capazes de reagir. E podemos nos levantar, percebendo que, quando se deixa a porta aberta uma nova vida rica de amor é possível. O romance *Eu sei que lá fora é primavera*, da jornalista Concita De Gregorio, editado em junho de 2015 pela Editora Feltrinelli, é inspirado numa história verdadeira. Remete-se a uma história da vida real acontecida em 2011, quando Mathias, um pai suíço, desaparece com duas filhas gêmeas de seis anos, Alessia e Livia, em vez de levá-las para a casa de sua esposa Irina, da qual havia se separado fazia pouco tempo. Cinco dias após o trágico evento, o homem suicida-se jogando-se debaixo de um trem nas proximidades de Cerignola, enquanto das duas meninas não se saberá mais nada. Os eventos são “petrificados” em outros lugares; a efetiva necessidade é dever permanecer em vida para preservar, na lembrança, aquilo que agora é apenas silêncio e nada absoluto, porque “é com esta realidade que devemos trabalhar: ficar por dentro, não esquecer, mas não enlouquecer com a lembrança, não reviver eternamente o tempo passado, experimentar imaginar um futuro”.

Irina, de origem italiana, pede para falar com a jornalista Concita De Gregorio para relatar o que havia acontecido e fazer com que a sua dolorosa experiência pudesse servir de ajuda a alguém. Quem sofreu sabe que não obstante a ausência da pessoa amada pode-se continuar a viver. As

cicatrizes são vistas como um símbolo de renascimento e a fragilidade se torna força.

“Esquecer é impossível, mas deve-se viver porque a natureza decidiu assim: a dor sozinha não mata”.

A Palavra regeneradora de vida

O que torna a história empática é a vontade de “sair para dizer em alta voz e com olhos enxutos coisas que não se podem dizer, porque ninguém tem um lugar onde colocá-las”. Concita De Gregorio acolhe o testemunho de Irina e o coloca no papel alternando estilo e tons, usando sonhos e recordações, revelando assim o quão salvífico pode ser o poder da palavra.

Mediante o valor único da palavra, Irina conquista pedaços de verdade sempre mais luminosos. Da escuridão chega uma luz nova: a possibilidade de amar ainda, o amor que fortalece e que permanece. Concita de Gregorio toma os fatos e a partir deles destaca a existência de uma mãe da qual emerge a necessidade de ainda ser feliz, como um desafio contra as frases feitas, contra os julgamentos e os preconceitos.

A história verídica é uma ocasião para explicar como uma mãe pode sobreviver à maior dor, ou seja, a ausência dos seus filhos e continuar ainda a amar e a experimentar a alegria. Como o sentimento de culpa por não ter percebido o que estava acontecendo – o projeto malsão que o marido andava perpetrando - não a tenha esmagado ou destruído, mas tornado mais forte. Irina é uma mulher que não soube reconhecer a loucura e que deve conviver com esta dor, sempre presente. No entanto, reconstruiu-se uma vida. A lembrança das filhas vive nela e com ela, mas esta mãe, agora, tem um novo

amor, com o qual vai à Patagônia para ver as baleias. Com coragem concorda com uma nova luz e, farrapo a farrapo, vai tecendo em torno de si uma nova razão de existir.

O livro tem um mecanismo narrativo complexo. A própria autora declara: «Há invenções literárias, é um romance; há uma história verídica e um encontro que o inspira, mas depois há o meu trabalho. Irina bateu à minha porta, as palavras eram a terapia que lhe faltava. Palavras como capacidade de reconstruir e regenerar. Irina me disse: eu sofri um trauma e quero enfrentá-lo por meio da escrita, tenho necessidade de colocar fora de mim este objeto rasgado. É o poder da literatura, não fiz um trabalho jornalístico, de pesquisa».

O livro é composto por cartas que, vez por vez, introduzem um detalhe diferente e são diferenciados por timbre musical, linguagem e intensidade. É assim que narram a vicissitude de uma mulher que conseguiu vencer e que, sem nada esquecer, percebeu a chegada de outra primavera, entendendo que "É preciso ser capaz de acolher aquilo que vem como algo que – simplesmente – veio. Não digo que seja fácil, não o é. Digo que fechar-se no luto da desventura condena-nos eternamente a levar para outros lugares somente dores, raiva, ressentimento, desapontamento, desilusão. Impede-nos de ver o amor que fica. Porque o amor, tudo em torno a nós, fica. Basta sabermos escutá-lo, vê-lo, acolhê-lo para que a vida volte a ter sentido".

“A ausência é uma presença constante: desafia-te num corpo a corpo cotidiano, cerca-te”.

A fragilidade é uma força

Da ausência, você não se livrará nunca. A vida te pede para permaneceres, para não perderes nem mesmo um instante do tempo que nos é dado. Então eu disse: eis. A palavra. Devo escrever, mas eu não sou capaz de escrever. Disse, então devo dizer:

A autora dá vida a uma história com ritmo forte e traça um retrato desta mulher, destacando sua existência através das cartas que escreve à amada avó, à professora das filhas, ao juiz, ao irmão, aos amigos. Reporta-a com o pensamento ao passado, às suas raízes. A necessidade de ser ainda feliz, repetida em voz alta por Irina contra todo preconceito, traz a esperança e faz entender que lembrar alguém quer dizer trazê-lo para dentro de si.

Esta é a história de Irina, que enfrentou uma batalha e a venceu. Uma mulher que não esquece o passado: lembra-se dele e o traz no coração, como uma flor.

mas eu sozinha não sou capaz de dizer. Porque a memória funciona, sabes? Faz o seu trabalho. A memória experimenta proteger-te e tira da tua mesa os objetos sobre os quais tropeças, aqueles que te fazem cair. Elimina-os, propriamente. Tenho necessidade de quem me ajude a dizer, porque somente dizendo, e depois talvez escrevendo toda esta história – o que houve antes, o que aconteceu durante, o que veio depois e o que é agora – é somente colocando todas as palavras enfileiradas que todas aquelas peças rasgadas dentro de mim poderão sair do meu corpo e estender-se, expostos, como na mesa de um cirurgião. Para isto serve a palavra: para curar.

Eu sei que lá fora é primavera é um livro que ressoa dentro como um augúrio que declara, a quem já sofreu, que ele é precioso, que a fragilidade pode transformar-se em força e que a técnica que cicatriza as feridas nos seres humanos, chama-se amor.

«Já viste aqueles vasos japoneses que os sábios da arte manuais reparam com o ouro, com a prata líquida? São magníficos. É uma técnica que torna mais fortes e mais belos os objetos que se quebraram. Exibe as feridas, não as esconde. Não se envergonha de ser quebrado, aquele vaso: está satisfeito. Quem se quebrou uma vez é mais forte do que quem nunca se quebrou. Se tu sabes o que pode reservar-te a vida tens, no fundo, um privilégio. A que preço, dirás. Certo, a que preço. Mas não conheço nada de gratuito que tenha valor. Nada, exceto o amor. O ouro líquido nos seres humanos é o amor. A cola que junta os pedaços e torna as feridas um privilégio, é o amor».

“Para ser felizes não precisa muito. Para ser felizes não precisa quase nada. Nada, seja como for, que não esteja já dentro de nós”.



O perdão na música

Mariano Diotto
m.diotto@iusve.it

Nem sempre se percebe completamente o significado e o valor profundo que tem o termo perdão. É uma palavra muito abusada e distorcida, na maioria das vezes.

Perdoar quer dizer mudar e assim o relatam, em 2004, os Hoobastank, banda rock dos Estados Unidos, com a canção *The reason*: «*Não sou uma pessoa exemplar, desejaria nunca ter feito muitas coisas, mas continuo a aprender. Eu nunca quis fazer-te isso e, portanto, devo dizer-te antes de partir e quero somente que tu saibas que... Encontrei uma razão para mim, para mudar aquilo que costumava ser. Uma razão para recomeçar, a razão és tu*».

Perdoar, portanto, quer dizer mudar, mas também saber pedir desculpas

Os cantores, os músicos e os autores de canções preferem as desculpas e os pedidos de perdão que acontecem no amor entre um homem e uma mulher, mesmo se algumas vezes estas não sejam acolhidas. Exemplo disso é a *hit* **Apologize** cantada pelos **One Republic**, em 2007: «Eu estou subindo sobre a tua corda. Subi a 10 pés da terra e estou escutando o que dizes, mas não consigo emitir som. Tu me dizes que tens necessidade de mim e depois a tomas e a cortas na parte superior. Mas espera. Tu me dizes que te desagrada. Não acreditavas que me teria virado e que teria dito: que é muito tarde para desculpar-se. É muito tarde. Disse que é muito tarde para desculpar-se. Muito tarde. Já».

Também a cantora Sarah McLachlan nos traz este universo com a sua característica doçura, mas também com sua voz pungente quando canta em *Forgiveness*: «*E me pedes o perdão. Estás pedindo muito. Escondi o meu coração num lugar que não podes alcançar. Não acredito em ti quando dizes que o teu amor é sincero porque não sabes muito do céu, rapaz, se deves fazer o mal para provar alguma coisa*».

Mas a coisa mais difícil de entender no perdão, é saber perdoar a nós mesmos: sentimo-nos maldosos, indignos por ter feito o mal a alguém, sobretudo se é um “alguém”

que queremos bem, e portanto não nos amamos e não nos aceitamos. São assim tocantes as palavras dos Coldplay contidas na sua canção de sucesso intitulada **Trouble**: «*Oh não, o que é isso? Uma teia de aranha e eu, caí nela. Então giro para escapar ao pensamento de todas as coisas estúpidas que teria feito. Nunca teria desejado causar-te sofrimentos. Nunca teria desejado fazer-te mal*».

O perdão aos outros é para todos e a respeito de tudo

Não podemos pôr estacas: uma pessoa sim e outra não. O risco pode ser de deixar na sombra a necessidade de ser perdoados, porque as decepções que a vida nos tem apresentado poderiam distrair-nos e amargura-nos. Mas é precisamente tendo presente tal necessidade que podemos doar com humildade o nosso perdão. É a confiança que nos liberta como nos diz **Michele Zarrillo** nas palavras escritas por Vincenzo Incenzo em *O alfabeto dos amantes*: «*E o erro maior em que o homem não pode acreditar, é procurar longe as coisas que tem dentro dele. Este é o tempo de viver-te até a última parte de mim. Porque o mundo desiludiu também a ti. Agora deves confiar em mim*». Até a última parte de mim.

Redescobrir o sentido do perdão

O perdão pode ser a chave que abre as portas ao amor. De fato, a falta de perdão é um dos maiores obstáculos para o nosso caminho de crescimento espiritual.

É urgente redescobrir o sentido original e indubitavelmente forte desta palavra, ir à sua raiz. Perdoar quer dizer adquirir uma capacidade de amar sem fingimento. É um amor gratuito, um olhar amoroso, não de juiz.

Têm um valor muito grande as palavras de Albano na canção *No perdão*, escrita por Renato Zero e, ainda uma vez, por Vincenzo Incenzo. Tornam-se uma oração a Deus: «No perdão a força de um rei como um filho hoje volto para ti. Assim despojado de vaidade do teu olhar serei digno, talvez? Daquele pão nutro-me também eu neste mundo que não é mais o meu. No perdão creio também eu me abandono fosse o último esquecimento. No perdão espera também tu que aquele céu não se manche nunca mais. É a vida que te aguarda em pé, coragem, saudemos o Rei».

O verdadeiro perdão acontece somente se for em nome do amor

É elemento chave para viver e enfrentar a vida com misericórdia. Esta atitude nos é relatada de modo extraordinário pelos U2 que dedicam à figura de Martin Luther King uma de suas melhores composições: *Pride, in the name of love*. Somente perdando, o homem pode mudar, somente perdando a civilização poderá crescer, somente perdando haverá um mundo melhor: «Um homem vem em nome do amor. Um homem vem e vai. Um homem vem para justificar. Um homem para mudar as coisas. No nome do amor. O que mais no nome do amor». (2x)

Perdoar assim torna-se um convite para analisar a fundo todas as problemáticas da

vida e a resolvê-las, colocando em prática a misericórdia.

Isto é possível realizar do melhor dos modos, quanto mais rápido e menos dolorosamente possível, por si mesmos *in primis*, mas sobretudo também pelos outros.



Perdoar quer dizer ter misericórdia: Martin Luther King

Martin Luther King foi o paladino da justiça, onde o perdão se transformou em vingança e em libertação: «Eu tenho diante de mim um sonho, que um dia cada vale será exaltado, as colinas e as montanhas serão humilhadas, os lugares áspers serão aplainados e os lugares tortuosos endireitados e a glória do Senhor se mostrará e todos os seres vivos, juntos, a verão. É esta a nossa esperança. Esta é a fé com a qual eu me encaminho para o Sul. Com esta fé seremos capazes de arrancar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé seremos capazes de transformar as estridentes discórdias da nossa Nação em uma belíssima sinfonia de fraternidade».

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

Entre técnica fotográfica e tecnologia

Caterina Cangia

sisternet@thesisternet.it

Quatro encontros para refletir juntos sobre a fotografia? Trata-se de uma técnica já tão largamente difundida e de fácil prática que pareceria supérfluo dedicar tempo e energia ao seu aperfeiçoamento! Trata-se, porém, também de uma arte, precisamente da arte de “escrever com a luz”, e de uma arte nunca se é completamente mestre. Trata-se também de

requintada comunicação. O poder da imagem é imenso e nos permite dizer de imediato alguma coisa que fica impressa na mente e é capaz de suscitar emoções fortes no coração. A fotografia, linguagem feita de conteúdo e de beleza, poder-nos-ia ser muito útil dado que nunca comunicamos sem educar.

Sobre o que refletir?

O primeiro dos quatro encontros sobre a pauta da comunicação convida-nos a dialogar sobre o aspecto técnico e sobre o aspecto tecnológico, enquanto o segundo focaliza o aspecto semântico, ou de conteúdo e trata da escolha do sujeito da nossa fotografia colocado, em um preciso e estudado enquadramento. O terceiro encontro nos verá atentos ao ponto de vista mais saborosamente artístico, seja na escolha de fotografias feitas por outros, seja na realização de nossas fotografias. O nosso último encontro nos verá dialogar em torno dos valores que a fotografia pode veicular, ou de como seja belo fazer didática, catequese e, mais em geral, pastoral, com a fotografia. Isto porque nunca educamos sem comunicar.

Mínimas noções técnicas para um máximo ganho comunicativo

Sempre com maior frequência, nós somos tentados a deixar a máquina fotográfica fazer tudo. É de tal modo bem programada que nos restitui fotografias tecnicamente aceitáveis. É verdade, mas saber algo a mais sobre a técnica fotográfica ajuda a comunicar não apenas para a realidade apresentada, mas por “como” é apresentada, e a ideia dos grandes fotógrafos se exprime pelo “como”.

A competência técnica está ligada a duas palavras: “luminosidade” e “exposição”. Partimos da segunda palavra à qual estão associados três parâmetros: a *velocidade*, a *abertura do diafragma* e a *sensibilidade*. O ajustamento de cada um destes parâmetros tem um forte impacto em nível técnico e em nível artístico. Detemo-nos aqui no nível técnico porque no nível artístico refletiremos no terceiro encontro.

Escusado será dizer que a foto deve ser exposta corretamente e isto está acontecendo quando a sua superfície sensível – na máquina fotográfica tradicional é o filme, enquanto na máquina fotográfica digital é o sensor digital – recebe uma conveniente quantidade de luz proveniente daquilo que se pretende fotografar. Uma boa exposição nos faz obter fotos que não são nem muito escuras nem muito claras, mas bem equilibradas porquanto diz respeito à quantidade de luz presente.

O parâmetro “velocidade” está ligado à ação do obturador, uma espécie de cortina que se encontra defronte ao sensor e é formado por várias lâminas de metal que, juntamente, constituem uma abertura circular na objetiva. Se o obturador se fecha imediatamente depois de ser aberto, deixa passar pouca quantidade de luz, enquanto que, contrário acontece quando se fecha depois de alguns segundos. A velocidade está em relação com a abertura, mais ou menos grande, do diafragma da objetiva.

A luz que passa através do obturador é registrada no sensor e estamos no terceiro parâmetro que é a sensibilidade (do filme, para a máquina fotográfica tradicional e do sensor para as máquinas digitais). Um sensor é sensível se precisa de pouca luz para ser corretamente exposto. Nas máquinas digitais a sensibilidade pode ser modificada à vontade, de uma imagem à outra, segundo a quantidade de luz disponível ou o efeito que se quer criar. Isto é impossível quando se trabalha com o filme, porque tem uma sensibilidade própria de partida e não se pode mudá-la de um disparo ao outro. Hoje, todos os aparelhos digitais têm uma célula integrada que permite medir a quantidade de luz que o aparelho percebe.

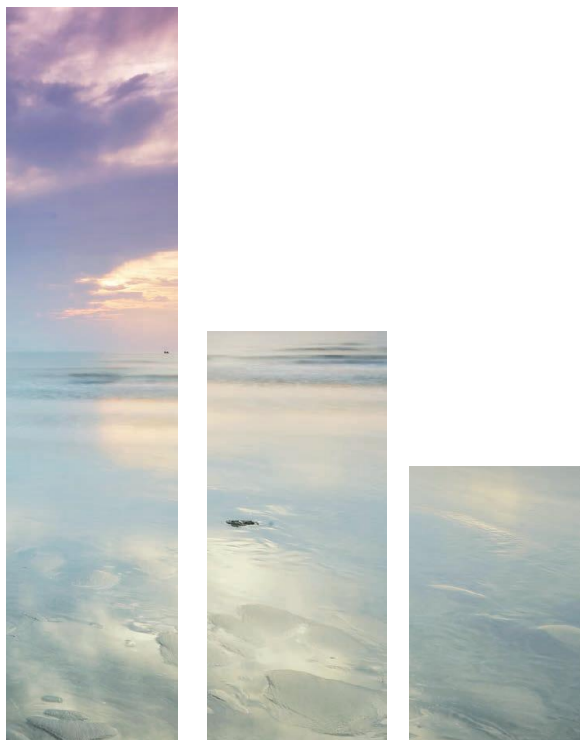
Para que uma fotografia esteja bem exposta devemos escolher uma combinação entre a velocidade e a abertura do diafragma sem esquecer que a abertura do diafragma tem também um forte impacto sobre a profundidade de campo.

Se quisermos fazer um paralelo com o olho humano, a íris representa o diafragma, enquanto o obturador é representado pela pálpebra.

E a luminosidade? Com as máquinas fotográficas digitais é indispensável o chamado *balanço do branco* ou a medida do ponto branco da imagem, para que não apareça azulada ou avermelhada por qualquer condição de iluminação. O *balanço do branco refere-se à temperatura das cores e o seu escopo é obter cores reais*.

Um leque de tecnologia

As foto-câmeras digitais são de quatro tipos: Compactas, Bridge, Reflex e Mirrorless. As características salientes que as distinguem são duas: as dimensões do sensor e a possibilidade de mudar as objetivas. Em referência ao sensor, maior é o sensor, melhor é a qualidade da imagem. As Compactas têm um sensor pequeno, as Reflex têm um sensor maior, chamado APS e as máquinas profissionais têm um sensor muito grande chamado FF ou FullFrame. Podemos nos orientar para um APS. Em referência à possibilidade de mudar as objetivas ou lentes. Lembremos que as objetivas não se tornam obsoletas, enquanto as máquinas sim. Atenção! Há máquinas com objetiva fixa, mas com sensor APS que levam a fazer fotografias de qualidade elevada da imagem. Então, que máquina escolher? Orientamo-nos para uma boa reflex que seja “da comunidade”, que possa ser colocada à disposição de quem, na Comunidade Educativa, tem necessidade de bater fotos de qualidade para os projetos pastorais e que seja usada com muita responsabilidade da parte de todos. Que bonito colaborar com a missão!



Qual máquina escolher?

As COMPACTAS são máquinas pequenas, portáteis, fáceis de usar e a bom preço. Tem baixo desempenho e são pouco flexíveis com relação à profundidade de campo e à qualidade da imagem também porque têm poucos comandos manuais. As pessoas criativas e com o olho certo conseguem fazer boas fotos também com uma compacta. Há:

- As COMPACTAS EVOLUIDAS que têm um bom número de comandos manuais.
- As BRIDGE assemelham-se às reflex, mas não permitem mudar as objetivas, mesmo se têm bons zoom que, num certo modo, substituem as objetivas comuns.
- As REFLEX em ótica intercambial são muito flexíveis e muito *performantes*. No mercado há máquinas reflex econômicas e reflex muito caras.
- As MIRRORLESS em ótica fixa (ou com objetiva fixa). Parecem compactas um pouco maior e têm o sensor APS. Fazem imagens de alta qualidade. Existem mirrorless em ótica intercambial. O seu rendimento é idêntico à de uma reflex.

Para saber mais

A bibliografia sobre a fotografia é muito ampla. Iniciamos com a leitura de textos introdutivos:

- Menduni Enrico, *A fotografia. Da câmera escura à digital*, Coleção “Fazer uma ideia” n. 159. O Moinho, Bologna 2008.
- Freeman Michael, *Capturing light. A essência da fotografia*, Logos, Modena 2014.

Olhar belas fotografias ajuda a fazer belas fotografias. Os sites da Internet para pesquisa são:

www.gettyimages.com
www.istockphoto.com
www.dreamstime.com

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME...

Caríssimas,
completei mais um ano, não tenho nenhuma intenção de renunciar a ler a vida de todos os dias, à luz do que a Igreja e o Instituto nos propõem.

Bom ano a todas, portanto, com uma misericórdia que deve ser sempre mais concreta e encarnada no cotidiano!

Olho ao meu redor e penso que sou deveras afortunada por viver numa realidade comunitária em que não faltam exemplos abundantes de uma atitude desapaixonadamente caridosa e aberta às mais generosas explosões de atenção às necessidades dos outros.

Na realidade acredito que em cada uma das nossas comunidades existe pelo menos uma pessoa capaz de encarnar a primeira das sete obras de misericórdia corporal: esta pessoa é a cozinheira.

A cozinheira, é aquela que, por conta do Instituto, nos nutre. Tarefa, a sua, bastante desafiadora, cansativa e que necessita de atenção, intuição e paciência... Ser cozinheira é uma verdadeira vocação na vocação!

Não é uma questão trivial atender as exigências de quem tem um pedido particular a ser feito, uma intolerância alimentar a

combater, uma dieta macrobiótica ou mediterrânea a ser feita, uma filosofia de vida na qual inspirar-se como no caso de alimentações vegetarianas ou *frutarianas*!

Oi, queridas amigas, acabou o tempo em que a gente se contentava com um pedaço de polenta no café da manhã para enfrentar as fadigas do dia! E quem faz as compras? Deixem que eu diga de modo aberto: a nossa cozinheira! Ela quer muito, muito mesmo, fazer seu o convite jubilar de *dar de comer a quem tem fome*, correndo o risco, às vezes, de alimentar um capricho de alguma Irmã!

Mas no mundo ocidental, ao qual eu pertenço, não se sabe mais nem mesmo o que é a fome, e as necessidades nutritivas que manifestamos revelam o único alimento do qual temos real necessidade: um saudável senso de medida e de limite!

Compartilhar com tantos pobres, que habitam as nossas cidades, a preocupação de colocar alguma coisa em suas bocas (preocupação que, não nos esqueçamos nunca, esteve bem presente na vida das nossas Irmãs da primeira hora), torna as nossas comunidades mais evangélicas... e as nossas cozinheiras mais generosas e atentas.

Palavra de C.



A revista **da mihi animas** será em breve on line na sua versão digital. Leitura, aprofundamento, filmes, entrevistas e a possibilidade de contribuir e enriquecer o diálogo com novas reflexões.

Breve, on line!



O código QR (Quick Response), aqui ao lado, te permitirá fornecer ao teu dispositivo móvel (smartphone ou tablet), diversas informações simplesmente enquadrando-o com a fotocâmara do teu dispositivo. Scarica l' App gratuita, inquadra e potrai condividere con noi molti contenuti extra.



www.rivistadma.org

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes fma

Revisão: Ir. Maria Gazzetto fma



A Porta Santa do Santuário de Santa Maria Domingas Mazzarello, em Mornese, no dia 1º de janeiro de 2016, é um chamado a viver uma das características do Jubileu extraordinário da Misericórdia e da Espiritualidade juvenil salesiana:

**“Tender à santidade,
como resposta ao amor de Deus que nos precede”.**

(Bispo de Acqui Terme: Dom Pier Giorgio Micchiardi)